



Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library

LAP

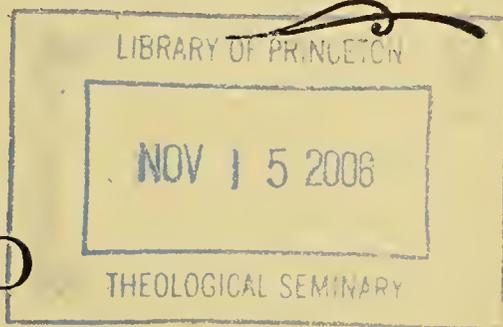
# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)



## SUMÁRIO

Os Dois Mundos são Análogos . . . . .

Roma, Nero e os Cristãos — A Tragedia dos Tempos Antigos . . . . .

A Descoberta do Espírito . . . . .

O Homem . . . . .

Padre Lebet e a Condenação Implícita da Igreja . . . . .

Renovação Biológica no Ritmo Universal . . . . .

Memórias de um Espírita Baiano . . . . .

Existirá o Homem Lunar? . . . . .

Biologia Espírita . . . . .

Irredutíveis os Fatos Espíritas a explicações de ordem hipnótica . . . . .

Evangelho e Ciência . . . . .

O Homem, êsse recalcitrante . . . . .

Crônica Estrangeira . . . . .

Necrologia . . . . .

Espiritismo no Brasil . . . . .

*Redação*

*Carlos Imbassahy*  
*Hernani Guimarães Andrade*  
*Roberto Della Togna*

*Arnaldo S. Thiago*

*Minardi*  
*Leopoldo Machado*  
*V. O. Casella*  
*Ismael Gomes Braga*

*Irmão Saulo*  
*Deolindo Amorim*  
*v. Irenedo*

*Redação*  
*Redação*  
*Redação*



---

---

Obras mediúnicas recebidas pelo  
médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo  
Brasil, Coração do Mundo  
Instruções Psicofônicas  
Cartas de uma morta  
A Caminho da Luz  
Coletâneas do Além  
Pensamento e Vida  
Contos e Apólogos  
Pontos e Contos  
Falando à Terra  
Gotas de Luz  
O Consolador  
Luz Acima  
Fonte Viva  
Ave Cristo  
Pão Nosso  
Emanuel  
Voltei  
Pai Nosso  
Libertação  
Volta Bocage  
Os Mensageiros  
50 Anos Depois  
Novas Mensagens  
No Mundo Maior  
Missionários da Luz  
Palavras de Emmanuel  
Vozes do Grande Além  
Entre a Terra e o Céu  
Obreiros da Vida Eterna  
Crônicas de Além-Túmulo  
Caminho, Verdade e Vida  
Nos Domínios da Mediunidade

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À  
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»  
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

---

---

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

## **Espiritismo e Protestantismo**

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.<sup>a</sup> edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em prol da verdade, -luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

*Preço cr\$. 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.*

## **“Gênesis da Alma”**

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.<sup>a</sup> edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. \$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

## Os Dois Mundos são Análogos

parentemente a morte parece produzir completa mudança de ambiente. Se a mudança fôsse tão rude a ponto de completamente alterar a natureza humana, o sêr perderia sua identidade e impossível lhe seria provar a sobrevivência humana.

Mas, o Espiritismo está baseado sobre o fato de terem espíritos desencarnados dado provas irrecusáveis de sua sobrevivência individual, continuada. Claro, pois, se torna que tal sobrevivência se realiza num ambiente bem semelhante ao que lhes fôra morada anterior.

Os nossos sentidos só nos revelam parte do universo e assim êles podem iludir-nos, mas cientes do fato de serem fragmentários e incompletos os nossos conhecimentos, não nos iludiremos e verificado ser o homem o mesmo dentro da natureza das coisas logo após a sua morte, como fôra antes, o novo mundo será análogo ao que lhe servira de morada anterior. Aquêl mundo pode ser mais livre, mais variado, mas êsses aspectos mais amplos só lhe serão revelados gradualmente. Seus poderes e qualidades inerentes e naturais crescem, se desenvolvem e êle aprenderá a apreciar gradualmente os novos aspectos da realidade.

Assim, o mundo para o qual iremos, parecer-nos-á tão semelhante ao nos-

so a ponto de o acharmos natural. Inúmeras descrições da vida e condições, provindas do mundo espiritual, confirmam esta conclusão. Possuimos vasto acervo de comunicações, obtidas através de diferentes fases mediúnicas. Poucas de origem duvidosa, porém, grande é a quantidade de mensagens de espíritos que forneceram provas concretas de sua identidade, em que a operação de mentalidades estranhas a dos médiuns, está claramente demonstrada. Essas mentalidades afirmam ter sido homens e mulheres que viveram na terra. As entidades comunicantes descrevem uma vida de atividade, com qualificativos e característicos que formam a estrutura daquela vida e as descrições são mais ou menos idênticas com todos os comunicantes, pertencentes ao mesmo grau de evolução.

Os espíritos empregam as palavras eu, êle, ela, dêle, dela ; assim, conservam individualidade e diferenciação de sexo. Êles mencionam locação que para êles tem sentido definido. Os espíritos se reconhecem e se descrevem mutuamente e, portanto, devem ter formas definidas. Usam palavras e idiomas para exprimir seus pensamentos e as línguas são apropriadas aos espíritos que as empregam, ou aos recipientes, embora essas línguas sejam desconhecidas dos médiuns. Falam de cores, portanto, devem registrar diferentes valores vibratórios, em têrmos etéreos, mas análogos aos nossos.

Tôdas essas coisas são tão naturais, tão positivas de modo a nos forçar a concluir ser o outro mundo análogo ao nosso.

Que dizer das formas mentais daquela vida? Pois bem, parece que suas operações são bem humanas. Os espíritos trabalham em grupos visando objetivos definidos. Entre si os componentes se consultam e reconhecem um mentor. Discorrem com lógica sobre causa e efeito. Manifestam circunspecção e humorismo. Gracejam tanto entre si como conosco. Experimentam prazer e contrariedade. Apreciam o valor da associação de idéias, na construção de atmosfera apropriada a certos trabalhos, mesmo na produção de fenômenos físicos em sessões. De fato, seus lapsos de memória, ocasionais, mostram a semelhança entre encarnados e desencarnados.

Provavelmente também êles, sob alguns aspectos, sofrem limitações, análogas às nossas. Assim, nesses caracteres e qualidades, que nos distinguem uns dos outros, temos seres com equipamento igual ao nosso, vivendo num ambiente semelhante. Por mais extensos que sejam seus conhecimentos da realidade, mesmo assim existe a comparação e êles só obtiveram essa visão mais desenvolvida por degraus lentos, somente à medida de sua adaptação ao novo ambiente.

Eis a seguinte comunicação por intermédio do célebre médium de voz direta J. Sloan, ao snr. J. Arthur Findlay em Londres; diz o espírito:

«Tenho um corpo que é a duplicata do que tive na terra, as mesmas mãos, braços, pernas e pés. Este corpo etéreo que eu tinha na terra, interpenetrava o corpo físico. O etéreo é o corpo real e uma duplicata exata do corpo terrestre. Pela morte, emergimos precisamente do

invólucro carnal e prosseguimos nossa vida no Mundo Etéreo, funcionando por meio do corpo etéreo, exatamente como funcionávamos na terra em nosso corpo físico. Este corpo etéreo é precisamente tão substancial para nós agora, como o corpo físico nos era quando vivíamos no vosso mundo. Temos as mesmas sensações. Quando tocamos num objeto, nós o sentimos; quando olhamos para alguma coisa, nós a vemos. Não obstante nossos corpos não serem materiais, todavia temos forma, feição e expressão. Nós nos movemos de lugar a lugar, porém mais rapidamente do que vós. ! Convosco vós trazeis a vossa mente para cá. Abandonais o vosso cérebro físico na terra. Nossa mente atua aqui sobre nosso cérebro etéreo e, por seu intermédio, sobre o nosso corpo etéreo, exatamente como o vosso cérebro físico atua sobre o vosso corpo físico.

O nosso mundo não é material, mas tão real como o vosso para vós. Ele é tangível, composto de substância vibratória muito mais elevada do que a matéria que compõe o vosso mundo. Vivemos num mundo real e tangível, não obstante seus átomos serem diferentes dos átomos que compõem o vosso mundo. Os que estão no mesmo plano vêem e tocam as mesmas coisas. Podemos sentar-nos em companhia de outros e gozar de boa camaradagem como aí acontece. Tudo é tangível, mas, em mais alto grau de beleza, do que qualquer coisa na terra».

Em resumo: Êles, assim como nós, são viajores ao longo da estrada do progresso eterno, nenhum acréscimo, evolução ou desenvolvimento jamais poderá colocar qualquer um de nós, ou dêles, num reino de vida, ou esfera de existência onde as condições não nos são familiares e ajustadas às nossas necessidades.

## O Maior Escôlho

*O maior escôlho para a propagação do Espiritismo não é representado por aquêles que o combatem escudados nos ensinamentos de outras Religiões — Contra a verdade não há argumento.*

*Os que causam, realmente, maior prejuizo à Doutrina dos Espíritos, são aquêles que procuram introduzir em sua orientação, práticas aberrantes ou exóticas e que não pautam os seus atos dentro das normas de moral exigidas pelos lidimos postulados doutrinários.*

(Campanha de Esclarecimento do Departamento de Publicidade da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo).

# Roma, Nero e os Cristãos

## A Tragédia dos Tempos Antigos

### — III —

#### De Agripina ao incêndio de Roma

Desembaraçado da progenitora, resolveu Nero atirar-se decididamente à Arte. Tomou então o partido de cantar para os grandes auditórios.

Em 59 instituiu espetáculos mundanos, musicais e dramáticos, que chamou *Ludi Juvenalum*. Convidou toda a gente a colaborar. E — diz Tácito, horrorizado — nem a nobreza, nem os que exerciam funções respeitáveis, deixaram de vir à cena. E Nero, encorajado, resolveu êle também subir ao palco.

Junto ao Tibre fêz construir um anfiteatro. Aí todos cantavam, bailavam, dançavam, dramatizavam. Até as distintas matronas romanas almejavam um lugar em cena, ainda que só pudessem arranjá-lo no côro.

Nero ali ficava a cantar, a tocar, a representar, esquecido das trivialidades da vida. Rodeava-o, pelas dúvidas, a guarda pretoriana: não fôsem cair-lhes algumas pedras na cabeça. Havia, ainda, os *augustani*, indivíduos que tinham por missão aplaudí-lo, o que faziam com o maior entusiasmo possível. Ai de quem supusesse que o Imperador não devia cantar, ou encenar, ou não lhe apreciasse a voz!

Êle pedia aos entendidos que o criticassem, e os entendidos o achavam invariavelmente divino. Isto não admira, pois Suetônio via no Imperador quedas para a arte, e Weigall percebia nêle um gênio. Não atinamos como êste escritor moderno soube disso, visto que nada foi transmitido à posteridade para que pudessemos ela extasiar-se como os contemporâneos do Grande Artista. É bom acrescentar que muitos dos seus coevos, provavelmente por despeito, o tinham como um palhaço. Bufão e sanguinário — é o que diziam.

Mas os auditórios davam graças aos deuses, por lhe terem outorgado aquela maravilha, e os seus versos, escritos em

letras de ouro, foram dedicados a Júpiter Capitolino.

Em fins de 59 há um grande acontecimento: Nero faz a barba pela primeira vêz. Conta-se a propósito, que indo anteriormente visitar uma tia riquíssima, Domitia, esta, doente, lhe disse: — Quero viver para vê-lo cortar a barba. — E Nero, piscando os olhos para os amigos — Vou já raspá-la.

Era também um grande humorista. Dizem que a envenenou, não se sabe ao certo.

Novo anfiteatro é construído e à Arte se associa o Atletismo. Êsses grandes divertimentos se chamavam *Nerônia*. Nêles recebe Nero várias coroas de louro, que deposita aos pés da estátua de Augusto. Chegou a convidar as vestais para os espetáculos, e essas monjas, votadas ao celibato, e que viviam em rigoroso afastamento do mundo, vinham agora assistir a lutas entre homens nus.

Entrementes, aparece um comêta e vê-se ali um mau augúrio. Falava-se em Rubellius Plautus para suceder ao Imperador e o Imperador despacha-o para a Ásia Menor.

Popêia faz pressão sobre Nero para que se divorcie de Otávia. Esta fugia do marido. Entre ambos havia o cadáver de Britannicus, seu irmão, e de Cláudio, seu pai. Isto e a esterilidade de Otávia eram um motivo que parte para o divórcio.

Morre Burrhus e é nomeado para substituí-lo Rufus e o célebre Tigelino, antigo amante de Agripina, um dos mais baixos caracteres que a história registra. Entra êle logo em cena e declara que Sylla, aparentado com Otávia, e já banido, fomentava uma rebelião. Nero manda que êle providencie para que o traidor morra. E êle providenciou: Assassinos foram enviados a Marselha onde se achava Sylla e o mataram quando êle jantava despreocupadamente. Ao levarem a cabeça dêle a Nero, êste, que não perdia vasa para uma boa pilhéria, declara: — Não sabia que

tinha um nariz tão grande! Foi o epitáfio oral.

Pouco depois, Tigelino denuncia Rubellius Plautus, que estava na Ásia. Sesenta homens vão a sua procura e o matam quando êle fazia exercícios. A mulher cai em prantos sôbre o corpo inanimado, enquanto lhe cortam a cabeça, para levá-la também ao Imperador.

Tigelino conseguiu ir-se tornando indispensável e aconselhava: — Um imperador deve ser mais temido que amado, — aviso a que Nero assentiu e achou muito salutar.

Para servir a Popéia, entrou Tigelino a minar o prestígio e a segurança de Otávia. Assoalhava que tinha ela um amante, tocador de flauta. Para prová-lo submeteu a torturas o pessoal e a criadagem da jovem e nada conseguiu. Uma das vítimas, indignada, lhe diz na cara: — O ventre de minha patroa é mais limpo que tua bôca.

Popéia ficou indignada por não se haverem coligido provas. Para consôlo, verificou que ia ser mãe. Nero, no auge do entusiasmo, achou que devia despachar Otávia o mais depressa possível. Eram as arras para a mãe de seu filho.

Opinavam os amigos pelo divórcio e conseqüente banimento, ao que Sêneca se opôs, com receio do público, dizia êle. Nero preferiu seguir os conselhos de Tigelino. A princípio, ela é apenas afastada e lhe dão as riquezas de Plautus, que Nero confiscara. Isto evitaria as falas de Roma.

Afinal, casa-se o monarca com Popéia. Não conseguiu, porém, evitar o descontentamento popular. O povo amotina-se, quebra as estátuas da improvisada rainha. Esta começa a ter sonhos funestos: vê o quarto cheio de gente vestida de luto; Agripina, ameaçadora, aparece; o antigo marido vem em seu socorro e Nero o mata. Estava ela em prantos, quando recebe a notícia de que atacavam o palácio. Atira-se de joelhos aos pés de Nero e diz que a genitalha estava a sôldo de Otávia.

— Otávia! Sempre Otávia!-- clama Nero.

Tigelino apareceu com a Guarda e com algumas pranchadas tudo aquietou.

— Otávia deve morrer! — exclamava Nero, tremendamente irado. Mas resolveu apenas, pelo momento, expatriá-la. Tornava-se preciso infamá-la para haver

uma excusa perante o povo. É chamado, então, o célebre Almirante Aniceto, o planejador e executor da morte de Ágripina, e fica incumbido de acompanhar Otávia à ilha de Pandetária. Êle vai, e volta declarando que Otávia lhe fizera declarações de amor, que beberam juntos e que êle não resistira à tentação. Procurava ela conquistá-lo para que êle se tornasse o chefe da revolta da Armada. Espalha-se isto.

Tácito afirma que tôda esta história da sedução de Otávia não passou de uma farsa, maquinada para o fim de a matarem.

Nero, exasperado, manda Aniceto para Sardenha, o que talvez fizesse para despistar, e lança contra Otávia uma acusação de adultério, tentativa de rebelião, além de haver provocado anteriormente um abôrto nas suas relações com o tocador de flauta. Em conseqüência, foram enviados emissários para que ela se suicidasse, e ela teve que abrir as veias.

O Senado, como de costume, enviou felicitações a Nero e propôs ações de graça.

Pouco depois falecia Pallas e correu o boato de que fôra envenenado, o que também teria sucedido a Doryphoro, hóstil ao casamento com Popéia.

Em janeiro de 63 nasce uma filha da imperatriz, que se chamou Cláudia Augusta, e segundo Tácito, a alegria e exaltação do imperador ultrapassam tudo o que se conhecia de memória de homem. E êle então colocou o ventre da mulher sob a proteção dos deuses, além dos festejos que inebriaram Roma. Parece que a maior parte dos homens, e isso de todos os tempos, é formado de duas partes: — tolice e malvadez.

A 5 de fevereiro um tremor de terra destruiu parte das infelizes cidades de Herculanium e Pompéia, 16 anos mais tarde inteiramente soterradas, com tôdas as suas riquezas e suas populações, sob as lavas do Vesúvio. Aquêlê desastre trouxe a inquietação geral; um antiteatro construído por Nero foi atingido por um raio; a sua estátua ficou inteiramente derretida; o exército romano experimenta revezes... Mês mais tarde falece Cláudia Augusta, o que levou o pai ao desespero.

Mas, como tudo passa, ei-lo que volta às suas horas de arte. E cantava... Cantava em pé, durante várias horas, incansável, inexaurível. Comia e bebia ali,

e o público, firme. Nunca o gênio se tornou tão fastiento.

Um dia, um tremor de terra chegou a sacudir o edifício, e êle, inabalável, a cantar. Tudo e todos estremeciam, menos êle. Êsse ato de heroísmo provocou uma ovação sensacional. Ninguém queria mostrar medo: era necessário acompanhar o soberano na sua coragem sobrenatural. Quando o povo deixou o teatro, o mais depressa que pôde, apesar do destemor, o teatro desabou. Os deuses, magnânimos, haviam esperado que êle esvasiasse.

Constituiu-se um corpo de batedores de palmas. Levantou-se um palco nos jardins do Tibre e tôda a gente se precipitava para ouvir-lhe a voz celestial. Diante de tanto entusiasmo, indagava êle, entre surpêso e modesto: — Mas minha voz é mesmo divina? A resposta afirmativa era rápida e unânime: — Sim, diviníssima! Numa de suas representações, no papel de Canacéia, vestido de mulher, gemia, com as dores da maternidade.— Que é que há com o Imperador — perguntou um centurião espantado. — Cale-se— respondeu outro — êle vai ter uma criança.

Os prêmios que obtinha, faziam-no delirar. Mas o público já começava a fatigar-se com aquelas intermináveis horas artísticas. Foi então necessário reanimá-lo, colocando soldados fora do teatro e aplaudidores no interior.

Fechavam-se as portas para que ninguém saísse. Aquilo era um suplício para os que tinham necessidade urgente de retirar-se. Uns fingiam desmaiar, para poder ganhar a porta; outros desmaiavam mesmo; uma senhora teve que declarar estar prestes a dar à luz. Muitos adquiriam doenças com aquêlê forçado amor ao Canto. Ali, os amantes do bom teatro, eram como certos «voluntários», que seguiam amarrados para a guerra.

A atividade do Imperador tornou-se febril: cantava, fazia ginástica, competia nas corridas de carros, nos jogos atléticos, nas lutas corporais; entregava-se à escultura, à composição poética, à arte dramática, à decoração, à pintura... Era um *Jack of all trade*.

Por somas fabulosas comprava tapetes, vasos, quadros, baixelas, livros...

O seu palácio tornou-se um verdadeiro museu. O luxo era imenso. Quando Nero saía, seguiam-no centenas de carros paramentados; precedia-o a cavalaria

africana; os cavalos tinham ferraduras de prata.

Nos divertimentos públicos êle lançava ao povo bolas marcadas, que levadas ao Tesouro eram trocadas por belos e valiosos presentes. Não havia monarca mais divertido e dadivoso.

As suas festas báquicas faziam-no subir consideravelmente no conceito das multidões.

\*

Ernesto Renan, o erudito autor da Vida de Jesus dedica algumas páginas sobre Nero em seu Anti-Cristo.

«A mania furiosa de Nero chegara ao paroxismo. Era a mais temível aventura que o mundo ainda corra. A absoluta necessidade dos tempos havia entregado tudo a um só, ao herdeiro do grande nome lendário de Cesar; era impossível outro regime; e as províncias, em geral, dava-se bem com êste. Ocultava, porém, um grave perigo. Quando o Cesar se dementava, quando as artérias de sua cabeça, estonteada pela imensidade do poder, rebentavam ao mesmo tempo, era um nunca acabar de loucuras sem nome. Caía-se em poder de um monstro. Não havia meio de expulsá-lo; sua guarda, composta de germanos, que tinham tudo a perder com sua queda, encarniçava-se em volta dêle; a fera, acossada, bramava e defendia-se raivosa.

Nero foi ao mesmo tempo, assombroso e grotesco, grandioso e absurdo. Porque o Cesar era muito letrado, a sua loucura foi principalmente artística...

Não tinha a sinistra malvadez de Domiciano, não amava o mal pelo mal; também não era um extravagante como Calígula; era um romântico consciencioso, um imperador de ópera, um melômano que tremia diante da platéia e fazia-a tremer, o que hoje seria um burguez, cujo bom senso tivesse sido transtornado pela leitura dos poetas modernos.

A princípio os ridículos de Nero pareceram inofensivos; o macaco conteve-se algum tempo e manteve-se na atitude que lhe tinham ensinado. A crueldade só entrou com êle, depois da morte de Agripina; mas depressa o invadiu todo. Desde então assinalou os anos com monstruosos crimes. Burrhus já não existe e crêm que foi Nero quem o matou; Otávia deixa o mundo cheia de vergonha; Sêneca está no exílio esperando a sentença de morte. Completou-se a sa-

turnal quando Tigelino se arvorou em senhor de tudo.

Nero proclama que só há seriedade na Arte; a virtude é mentira, o homem deve confessar seu impudor. Quando descobre uma hedionda degradação, tem acessos de alegria.

O histrião lograra direito de vida e morte sobre seu auditório; ameaçava de tormentos quem não lhe admirasse os versos. Era um gaiato feroz com a mira nos aplausos da gentilha.

Os déspotas do Oriente temíveis e solenes, nunca tiveram aquêles risos de louco, aquelas orgias perversas. A loucura de Calígula fôra curta; era um bufão; a doidice de Nero, geralmente alvar, era, por vêzes, espantosamente trágica.

Com ares melodramáticos, dizia-se atormentado pelas fúrias e citava versos gregos acêrca do parricídio.

Organizara-se um bando de ociosos estróinas que se apelidavam Cavaleiros de Augusto, que lhe aplaudiam as loucuras e inventavam para êle farsas de banditismo noturno.

Calígula o funesto gênero de histrião imperial; Nero tomou-o abertamente por modêlo. Não se satisfazendo em guiar carros no circo, esganiçar-se em público, fazer digressões de cantor pelas províncias, pôs-se a pescar com rêdes de ouro, que puchava com cordas de púrpura, ensaiou a sua *claque*, fingiu vitórias, conferiu a si tôdas as coroas da Grécia antiga, organizou festas assombrosas, representou no teatro papéis sem nome.

«...A popularidade que Nero alcançou

por vergonhosos meios é incontestável e depois de sua morte Othon obteve o império só com invocar a sua memória e lembrar que tinha sido um dos seus favoritos.

Nero tinha consciência de seus ridículos e não queria que os descobrissem. Seu ódio a Thraseas foi por não ter podido alcançar-lhe a afeição. A citação grotesca de um mau verso seu, perdeu Lucano».

Até aqui Renan. Nós iremos um pouco mais adiante.

\* \* \*

Tentara ausentar-se de Roma, porém indo a um templo, a fim de invocar proteção para a sua viagem, sentiu a toga prêsa num banco, o que lhe pareceu um mau sinal. Logo a vista se lhe turvou. Não havia dúvida: era uma advertência do Céu, e abandonou a idéia de deixar a cidade.

Estava êle no seu palácio de Antium, a 19 de julho de 64, quando um incêndio irrompeu nuns barracões de madeira, nas lojas ao lado do Circus Máximus, junto ao Palatino e ao Celius, onde havia grandes quantidades de matéria inflamável.

Não há dúvida que existia ali intento criminoso.

O vento espalhava as chamas, que logo se comunicaram a tôda parte. Estava tudo sêco pelo calor, e o fogo se foi propagando; como as ruas eram estreitas, passavam facilmente de um lado para outro. Durante seis dias, um incêndio colossal destruía uma cidade.

Roma ardia como um brazeiro.



## A Descoberta do Espírito



Por HERNANI GUIMARÃES ANDRADE



### 13 - A Atlântida

Podemos dizer que já foi concluída a primeira parte dêste estudo.

Embora resumidamente, falamos sobre os primórdios do comportamento religioso da humanidade. Pensamos ter demonstrado que o homem pré-histórico teve a experiência objetiva da existência do espírito. Dessa descoberta central teria decorrido o fenômeno religioso, manifestado sob várias modalidades, tendo

predominado inicialmente a *mágia*, sobre a qual já dissertamos no capítulo anterior.

Obedecendo à ordem cronológica, iremos estudar ligeiramente as manifestações do senso religioso daqueles povos que floresceram nas Américas, e que aqui já se encontravam muito antes da descoberta do novo continente.

A origem dessas raças humanas tem sido muito controvertida. Predominam três hipóteses explicativas. Acredi-

tam os especialistas que poderiam ter-se originado ou da Ásia, ou da Oceânia, ou da lendária Atlântida.

Os dados antropológicos dão certo apôio à possível emigração dos povos da Ásia através do estreito de Bering, entre a Sibéria e o Alasca, assim como à invasão de raças provenientes das ilhas do Pacífico, inclusive da Austrália,

Todavia, ambas as correntes a dos atlantófilos e a dos que não admitem a remota existência do *continente desaparecido*, apresentam razões ponderáveis a favor de suas teses.

O relato mais antigo e específico, versando sobre a Atlântida, parece ser o contido nos «Diálogos de Platão»: *Timeo e Critias*. Algumas fontes pré-platônicas são evocadas pelos estudiosos desse assunto, porém uma análise bem severa põe em dúvida a validade dessas referências.

A existência do fabuloso Continente que teria sido tragado pelas águas oceânicas, em um terrível cataclismo, aproximadamente há 11.000 anos, é negada por inúmeros especialistas em geologia, antropologia e disciplinas congêneres. Não há pois, unanimidade de opiniões sobre a existêncica real da Atlantida.

Os próprios *Diálogos de Platão* são postos de quarentena por alguns de seus exegetas. Certos estudiosos pretendem que a história relatada por Critias tenha sido forjada no sentido de dar apôio e realismo às concepções políticas do filósofo.

Logo de início, queremos fazer uma ressalva importante com relação à debatida questão da Atlântida. É a seguinte: não pretendemos, no curto espaço de que dispomos, entrar na discussão da realidade da Atlântida. Não cabe mesmo, no presente estudo, um debate dessa natureza. O assunto é controvertido. As escolas extremistas, as que negam definitivamente e as que aceitam sem regateios, não nos fascinam. Somos por uma posição de expectativa pois cremos que o problema ainda não teve sua solução definitiva.

Não resta dúvida de que há indícios seguros de ter existido, algures, uma grande e magnífica civilização, da qual ficaram os sinais indelêveis sobretudo nas Américas e na África. A variedade dos grandes povos americanos, os Peles-Vermelhas, os Astecas, os Maias, os Incas,

os nossos indígenas, os Araucânios e os Patagões, que aqui já viviam muito antes da conquista efetuada pelos navegadores europeus, fazem crer que tiveram uma origem exterior. Entretanto, o elevado nível cultural de algumas dessas nações atestado pelos monumentos, obras de arte, a escrita, conhecimentos de astronomia, e outras manifestações desse gênero, encontradas nas ruínas de suas fabulosas cidades, dão a impressão de que elas se originaram de algum foco altamente civilizado.

É curioso notar que, à medida que se caminha para a zona central comum às duas Américas, vai-se encontrando um maior índice de civilização, revelado pela natureza dos vestígios deixados por esses misteriosos povos. Os Astecas, os Maias e os Incas, que habitaram as terras do México, da América Central, do Perú e da Bolívia, foram os mais adiantados. Os menos evoluídos culturalmente encontram-se nas extremidades. São os Esquimós, os Peles-Vermelhas e os Patagões.

Isso faz pensar em uma zona irradiadora próxima dessa parte central. Teria existido esse lugar? Não teria sido a Atlântida? — A questão é bastante debatida e sobretudo discutida. Há muito sonho e muita fantasia misturados com a realidade. Por outro lado, precisamos admitir a possibilidade de existir algum partidatismo ou alguma cautela excessiva, do lado dos que insistem em negar total apôio à idéia da existência, em remoto passado, do Continente Perdido, da Ilha de Poseidonis.

Você que nos lê, prezado amigo, fará uma pergunta:

— «Qual a relação existente entre essa questão da Atlântida e o assunto dos nossos atuais estudos e pesquisas? Que tem a ver com isso a *Descoberta do Espírito?*»

Nós lhe responderemos apenas o seguinte:

— «Há indícios seguros de que aqueles povos constataram, também, a existência do espírito».

Mas, antes de chegar até lá, convém saborear um pouco do fruto da fantasia. Pois, de um modo inexplicável, os mitos e as lendas às vezes apresentam uma semente de realidade. Vamos ouvir nosso querido Platão. Seria uma falta imperdoável se não lembrássemos pelo

menos um trecho dos seus encantadores diálogos.

Pedimos um pouco de paciência, pois não resistimos à tentação de reproduzir alguns fragmentos do *Timeo*. Gostaríamos de transcrever na íntegra os dois diálogos, porém, a escassez de espaço não o permite. Citaremos exclusivamente o essencial.

Dois são os diálogos de Platão, que fazem referência à Atlântida: *Timeo* e *Crítias*.

No *Timeo*, Crítias conta a história que êle ouvira de seu avô, aos dez anos de idade. O ancião cujo nome é idêntico ao do neto, Crítias, por sua vêz a escutara de seu ilustre amigo, o sábio Sólon. Este último recebeu a revelação, da boca de um sacerdote egípcio na cidade de Sais (Egito).

No segundo diálogo, *Crítias*, Platão dá pormenores mais precisos sôbre a Atlântida, inclusive como era dirigida, quais os seus costumes, etc.

# O Homem

Roberto  
Della Togna

O meu estranho visitante refestelou-se como bem quis na ampla e confortável poltrona. Estirou as longas e magras pernas sôbre a cadeira que lhe estava em frente, num genuíno espreguiçamento que lhe fêz estalar as juntas anquilozadas pela postura anterior. Em seguida fixou-me atentamente com aquêles olhos profundos e perscrutadores, esvurmado-me os pensamentos mais ocultos e secretos. Sua voz, grave e soturna, fez-se ouvir novamente:

«O Homem...

«Ó víl animal, vergonha da criação. Torva e nebulosa figura que, dotada de inteligência diabólica, domina a superfície da terra e as entranhas do espaço, assassinando impiedosamente, tanto aos outros animais como aos seus semelhantes. Veja, meu amigo, o homem vive matando.

«Aos outros animais, aos que não pertencem a sua brutal espécie, liquida-os por dois motivos que julga imperiosos: a voracidade carnívora do estômago famélico e o prazer destruidor da caça a que, solertemente, denomina esporte. Aos seus semelhantes, pelo instinto da defesa que, egoísticamente, qualificou de material ou moral. Material, para êle, é o conjunto de interêsses econômicos ou financeiros, forjados na ululante caverna da sua inconcebível maldade. Moral, porque a natureza incrustou-lhe no pensamento o tão decantado amor próprio, como a espicar-lhe, em dubias instilações, a fonte perene da perversidade que lhe habita o coração empedernido. E assim, no torvelinho de suas ambições criminosas, sentindo a cada passo e em cada instante, o impe-

rativo de seu pavoroso orgulho, caminha, como herói de negra fama, pela senda do ódio e do rancor, chafurdando no tenebroso oceano do seu próprio mal.

«Na exuberância de sua vida, quando lhe canta a mocidade e a saúde que julga eterna, esquecido da eternidade que o espera, cria para satisfação de seus desejos um sêr material que lhe absorve constantemente os funestos pensamentos: — o dinheiro. Em tórno dessa mirífica imagem dourada passa a existência em abjeta adoração, mandando às urtigas o mais elementar e comesinho dever da solidariedade humana. É que sômente com a posse do ultra poderoso metal vê abrirem-se-lhe as portas sonhadas do prazer, da alegria e da glória. Porém, animal eternamente insatisfeito que é, não se detem apenas dentro do imenso círculo que o dinheiro lhe proporciona. Vai além, na incessante busca que lhe dita a desmedida ambição. O campo do visinho agora lhe desperta a cobiça insopitável. Agora lhe é necessária a prudência. A princípio, atitudes cautelosas — eis que então lhe fala a covardia inata — e vai daí, o sorriso melífluo, o negaceamento selvagem; depois, a tocaia assassina, o extermínio físico ou moral do semelhante e, por fim, a glória da posse há tanto ambicionada.

«Pobre, reveste seus gestos de humílima modéstia. Rico, arrota grandezas insuportáveis, abandonando, rápido e rasteiro, o amigo sem dinheiro de ontem, com receio que êste lhe peça um empréstimo. Em suas elocubrações luciferescas, ri-se da desgraça alheia com a mesma disposição

com que se rói de inveja, se o seu visinho acertou num bilhete de loteria. No conjunto de seus vis sentimentos a vaidade aflora à superfície escabrosa. É de se ver, então, o esgar simiesco, que deveria ser um sorriso humano, a lhe fender a bôca de orelha a orelha, quando o seu nome reponta, quase sempre por motivos ôcos, nas páginas da imprensa bajuladora e venal.

«Porém, meu amigo, se a vaidade lhe apresenta apenas uma faceta da sua imperfeição, ela ainda nada seria no quadro das qualidades negativas do homem. Tôda a sua deficiência, tôda a sua imperfeição se consubstancia num ponto fundamental. Fonte geradora do seu tremendo egocentrismo; a falta do sentimento religioso. O Homem não é, por convicção, religioso.

«Se os sublimes preceitos do Mestre Divino tivessem vencido a couraça da perversidade que o reveste, o homem latearia de amor os passos obscuros de sua existência. O sentimento da fraternidade apenas lhe ilumina a consciência em rápidos e curtos fulgores, e isto somente no ocaso da vida, quando vislumbra, aterrado, o limiar da eternidade misteriosa; quando percebe a inutilidade absoluta das riquezas materiais, às quais se escravizara inteiramente durante a sua trajetória pela terra. Dos próprios ensinamentos divinos se tem servido para a eclosão de guerras fratricidas. À proporção que se difunde a leitura das Escrituras Sagradas, à medida que as torres das igrejas se erguem para o azul do infinito como súplica à Suprema Misericórdia, o homem mais se afunda no turbilhão imediatista dos seus interesses materiais. A humanidade se caracteriza pela sucessão aterradora das guerras que provoca, pela eclosão dos ígneos furacões que levam a morte e o desespero a milhões de lares espalhados pela superfície do globo que habita. O homem, em sua infinita bestialidade, na ânsia de obter o galardão da dupla vitória conquistada, não se detem ante a sublime e comovedora ino-

cência estampada no rostinho de milhões de crianças. Na voracidade destruidora que lhe brota da mente entorpecida, ao ímpeto de seus objetivos inconfessáveis, esquece, não sente, não ouve a enternecedora música celestial emanada da bíblica expressão: «Deixai vir a mim os pequeninos...»

«O homem procura fugir à sua própria consciência. O orgulho absorvente lhe impede de olhar objetivamente para a fragilidade de sua vida, para a sua infinita pequenez dentro do conjunto grandioso da natureza. Não olha para o alto, não acompanha com os olhos do pensamento a evolução de milhões de galaxias escalonadas nas profundezas insondáveis do infinito. Não se comove ante o deslumbramento inenarrável das auroras e dos crepúsculos.

«O gorgueio dos pássaros nas matas sombrias, o rumorejar da cascata além do remanso profundo, a melopéia suave que se ergue da vastidão das solidões agrestes, formando, na harmonia do conjunto, o hino da Divindade Criadora, não lhe fazem vibrar as íntimas cordas da sensibilidade, dessa sensibilidade que deveria dar-lhe a noção da sua insignificância. O orgulho e a torpeza de sentimentos lhe reveste, em cortina intransponível, a fonte da sensibilidade.

«O homem, meu amigo, é mau essencialmente mau, terrivelmente mau!...»

Calou-se o meu estranho visitante.

O som cavo de suas palavras, como que se distanciando no lento processo de absorção pelo silêncio, extinguiu-se todo.

Com os olhos semi-cerrados ainda pude ver os contôrnos angulosos do sôturno personagem. Porém, à medida que a vóz se distanciava, tornando-se inaudível, seu corpo se desvanecia, acabando por desaparecer completamente.

Achei-me só no silêncio envolvente da sala solitária...

*Novo Horizonte, (sp.) Janeiro de 1.959*

*Nas vossas tribulações lembrai-vos de Jesus, de seus apóstolos e dos grandes vultos do cristianismo, que muito sofreram para vos ensinar o verdadeiro caminho da salvação. Sede humildes, certos de que a maior sabedoria é aquela que tem por fundamento os preceitos do Senhor. Com a humildade sereis reconhecidos como verdadeiros discípulos de Jesus, tereis o auxílio do Alto e saireis vencedores de tôdas as lutas.*

CAIRBAR.

## Padre Lebret e a Condenação Implícita da Igreja

A respeito do livro do Padre Lebret —«Suicide ou Survie de l'Occident», publicou o Diário de Notícias, desta capital, de 2 do corrente, algumas referências que vale a pena analisar, afim de que se possa tirar ilações procedentes do que está escrito na obra em questão.

«O Ocidente, diz o padre Lebret, mesmo recorrendo às armas atômicas e com o risco de suprimir a raça humana, não poderá resistir a uma revolta geral se admitir como uma fatalidade inelutável a continuação do desnível entre o seu desenvolvimento e o subdesenvolvimento de mais de metade da humanidade». E noutro passo: «Se o Ocidente não fôr capaz de rapidamente assegurar ao mundo subdesenvolvido ainda independente da União Soviética (e de uma maneira absolutamente evidente e com o desinterêsse de um grande ideal adotado com paixão) a possibilidade de maior desenvolvimento do que a Rússia oferece aos povos do seu bloco, o Ocidente pode estar certo de que a sua ideologia pragmáticamente materialista terá menos audiência do que a ideologia do marxismo, filosoficamente materialista mas impregnada de um ideal universal».

O pronunciamento do ilustre dominicano, cujo prestígio é evidente, como se vê pela repercussão que teve o seu livro, vale por uma condenação implícita dos processos adotados pela igreja na orientação que imprimiu à civilização ocidental. Evidentemente! Qual a razão de ser pragmáticamente materialista a ideologia do Ocidente? Não será, porventura, a incapacidade educativa da igreja a causa dêsse clamoroso desvio da civilização ocidental, relativamente ao roteiro do Cristianismo?

Falemos desapaixonadamente. A igreja, pela sua organização social, que tem resistido a tôdas as arremetidas demolidoras dos seus próprios orientadores mal avisados, merece-nos todo o respeito. Ela possui aspectos particulares de atuação, dignos dêsse respeito, como sejam os de ordem assistencial e pedagógica.

No que faliu foi no que concerne à sua atuação como órgão social, mantenedor do sentimento religioso, da es-

piritualização da espécie, no curso da respectiva aculturação a mais graduados estágios intelectuais, que a induziram ao melhor conhecimento das leis da natureza e ao gôzo individual de mais amplos direitos à liberdade e à natural emulação na conquista dos bens que despertam a cobiça dos homens; em outros têrmos, a igreja não soube manter-se como educadora da alma humana, desstituindo-se espontâneamente da missão que lhe outorgou o Cristo de Deus.

Daí a sua falência, em virtude da qual, para manter prestígio aparente, à custa do brilho falso das lantejoulas perecíveis, engendrou tôda uma hierarquia clerical, tôda uma vida de fausto e de grandezas terrenas que de modo algum condizem com os exemplos de humildade e de desprendimento pessoal, que Jesus nos deixou.

Em meio, porém, de todo êsse desordenado ambiente de ocomodações e processos sumptuários, a que a igreja vem se submetendo, para manter um prestígio social; que só lhe poderia advir da sua humildade cristã e nunca dêsse fausto e dêssas grandezas de que se locupleta, conforta-nos a alma verificar a tendência, revelada pelos últimos papas, de reconduzir a igreja aos verdadeiros cânones do Cristianismo, que a dispensariam de tôda uma imensa legislação e regulamentação pragmatista, que a estratificaram em fórmulas e rituais completamente destituídos de valor espiritual, por isso que exclusivamente adstritos aos imperativos do culto externo, para restaurar-lhe a simplicidade, a naturalidade da ação benfazeja do Cristo e dos apóstolos, tão bem retratada na vida essencialmente cristã do *Poverello* de Assis.

João XXIII, oriundo de uma família de camponêzes, teve inicialmente aquêl exemplar movimento de emancipação de velhos chavões nobiliárquicos, ao pedir aos redatores do «*Observatore Romano*» que se abstivessem de tratá-lo com expressões tais como «iluminado», etc., devendo referir-se aos seus atos mui simplesmente: «O papa declarou», «o papa disse», etc.

Encanecido, cheio de experiência no trato com os homens, João XXIII,

recordando-se, além disso, da vida simples dos seus primeiros dias, da vida simples que ainda os seus irmãos mantêm, há de fazer tudo por essa restauração da humildade e da simplicidade cristã na atividade da igreja, afastando-a da convivência com os maus governos temporais materialistas, para constituir-se, pelo seu esforço educativo, colaboradora dos lares honestos na grandiosa obra de educação, de remodelação dos costumes, dando combate ao sórdido materialismo que, aliado à ciência, transforma-a num instrumento de orgulho, de competições aguerridas, quando, sob o influxo do Cristianismo, pode tornar-se em instrumento de felicidade de todos os homens, orientados no sentido das suas eternas relações com os semelhantes, fato real, altamente expressivo, que modificará de *fond en comble* as relações sociais, quando fôr universalmente aceito.

São Malaquias, cuja visão profética, a respeito dos papas, tem se realizado, acentua que após os papas cujas divisas serão «Flor Florum», «De medietate Lunae», «De labore solis» e «De

gloria Olivae», designações que indicam a prática de virtudes apostolares, virá «Petrus Romanus», que será o último papa. Isso quererá, sem dúvida, significar que o fausto, a ostentação orgulhosa, as exterioridades vãs, serão postergadas da igreja, voltando esta à simplicidade, às boas normas que Jesus exemplificou e que exemplificaram os seus apóstolos.

Só assim deixará, então, o Ocidente de praticar a sua ideologia pragmaticamente materialista, para ascender aos luminosos tempos da espiritualização da humanidade, sob o influxo poderoso do exemplo que a todos os homens darão os padres, compenetrados das suas responsabilidades sociais e dos seus deveres para com Deus e para com a humanidade.

Eis o que ao Espiritismo, como Consolador prometido, cabe advertir a todos os que dispõem de autoridade espiritual, na sociedade materializada dos nossos dias.

Arnaldo S. Thiago

Rio, dezembro de 1958.

## RENOVAÇÃO BIOLÓGICA NO RITMO UNIVERSAL

MINARDI (Da API)



ABE-SE que matéria e energia não nascem e morrem rapidamente, não mudam com tamanha velocidade, como o pensamento humano poderia concebê-las; a instabilidade das combinações

químicas, é a característica fundamental do fenômeno biológico; de fato, a vida nasce e morre sem parar nunca, e ninguém pode deter esse moto inexorável regulado por um veloz ritmo de tempo. Temos então de conceber a morte não como o acabamento, ou a destruição da vida, mas sim que ela é sinônimo de renovação da mesma e fenômeno anti-estático por excelência; de outro lado a vida seria impossível sem esta renovação.

O equilíbrio da vida considera-se equiparada ao equilíbrio do vôo, cuja estabilidade é condicionada pela velocidade; na vida o espasmo da ascensão se torna intenso e rapidíssimo, a vestidura

de matéria torna-se sempre mais sutil na construção e reconstrução orgânica, neste ritmo veloz sucede-se incessantemente a juventude com a velhice, é nessa corrida que, experimentando, ensaiando, avançamos no campo moral e espiritual; faze-se portanto mister considerar o passado como água que passando pelo moinho, não volta mais à roda; assim a sabedoria e o progresso, não pousam no passado, mas sim no porvir; a ânsia de progresso e a insaciabilidade do desejo manifesta-se como instinto insuprimível universal no próprio hábito da satisfação, pela lei dos contrastes, base da percepção, com o diminuir da alegria, acentua-se o insaciável desejo de progredir.

Evidentemente temos da semente a planta, a qual frutificará para que a sua drupa caindo na terra e apodrecendo fertilize a nova semente em cujo embrião esconde-se e vibra o germe da nova vida. Assim a beleza da mulher, na sua

divina função de maternidade, não acha por ventura o seu equilíbrio na força do homem, sublimizando a razão da vida?

O que é a Morte? O que é então esta singular volatividade de consciência pela qual o organismo passa, em um átimo, do movimento à imobilidade, e da sensibilidade à passividade inerte? Debalde contemplamos impotentes e consternados, aquêlê corpo imóvel cuja centelha da vida apagou-se, e em vão lhe pedimos a sua reanimação! Aí, a matéria, ainda está intata, com os seus órgãos, tecidos e forma; à máquina inerte lhe falta apenas a vontade do conjunto, o psiquismo diretor, o poder central.

Êste imponente edificio, sob as Di-

vinas leis da Natureza, ruiu, decompondo-se a unidade coletiva superior em unidades menores, sob o efeito de outros construtores inferiores, os quais correm para aproveitar os materiais para os seus edificios.

Nada porém é perdido da matéria, tudo é utilizado em um novo círculo, revivendo debaixo do sol.

Daí o axioma: «...o que não morre pode ter nascido, também o que existia antes do nascimento não pode morrer. O que não nasceu com a vida, com a vida não morre». Sendo, tudo o que existe eterno, nós também, a nosso consôlo, somos eternos.

## Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

32 — A ingratidão do Almeida, depois, esquecendo tudo que lhe fiz, inclusive o primeiro emprêgo que teve na vida, (no Colégio do Almirante); outros favores maiores que não quero declarar aqui, foi mais uma tremenda decepção que sofri e que me fêz sofrer muito... Andou até assoalhando injúrias contra mim...

33 — Tempos depois, fracassando em tudo que empreendeu, desempregado, procurou-me em Nova Iguassú. Como jamais fui vingativo, quis colocá-lo no meu Ginásio. Marília opôs-se, formalmente, alegando «razões de sobra para não o considerar meu amigo». Não querendo contrariá-la, apresentei-o a amigos, em Paracambi, emprestei-lhe móveis para abrir lá uma escola primária; mas também lá não se conseguiu firmar...

34 — Os seis anos que morei no Meier, como espírita, considerei-os perdidos, porque nada fiz pela Doutrina que foi a grande bênção de minha vida. Não ia a reuniões espíritas; só assistia conferências de grandes amigos. Entretanto, não perdia um bom filme, um bom espectáculo teatral...

35 — Estou a me lembrar, agora, de uma conferência do Almirante, a que

assisti, sôbre o luto; palestra bonita, lógica e eloqüente. Muito aplaudida.

Dias depois, vejo-o de luto pela morte de um irmão.

«E sua conferência sôbre o luto, Almirante?»

Êste fumo não tem importância, Leopoldo. Foi a Biosa quem mo pregou no braço...

36 — Continuava dizendo-me e sentindo-me espírita, mas sem trabalho. Enchendo-me de livros espíritas, mas aumentando a minha irresponsabilidade, sem medir a extensão de meu crime.

(NOTA: Leopoldo esqueceu-se, esquecendo estas coisas, do exemplo que dava como espírita, cuidando, com carinho, de sua mãe e irmã, fundando a Liga Pró Educação e Bondade, finamente educativa, que tão salutares frutos colheu; educando milhares de jovens, à prova de sua seriedade, honradez e dedicação ao trabalho. Quanta gente, inclusive eu, sua irmã filha, deve a firmeza de caráter que possui, ao denodado batalhador que, mais tarde, sanaria, com empreendimentos persistentes e incomuns, o tempo que julgou perdido para o Espiritismo. Esqueceu-se, também, do amparo que sempre deu a todos que, necessitados física e moralmente, bateram a sua porta hospitaleira, durante êstes seis

anos. Eu sou testemunha de que não foi pequeno o número; ninguém bateu em vão... Fossem assim todos os crimes, e a Terra seria um mundo de regeneração. Leopoldina).

37 — Certa noite, ainda no Meier, vi-me, em sonhos, aposentado, fazendo uma série de conferências, em um salão enorme, repleto de gente.

38 — No dia seguinte, soube que Vianna de Carvalho, iria falar no Abrigo Tereza de Jesus. Fui ouvi-lo. Aliás, foi a única vez que ouvi o gigante cearense. Saí deslumbrado, mal sabendo que, de futuro, seria recebido, como orador espírita, muitas vezes, naquela grande casa de trabalho.

39 — Entre a minha família, o Colégio Nacional que julgava meu segundo lar, a família do Almirante e todos que no Colégio militavam, minha segunda família, meus amigos e minhas diversões, graças a Deus, honestas, decorria minha vida, no Meier, tranqüila e igual.

40 — Em meados de 1926, o Almirante falou-me de um convite que recebera do dr. Agnel Mafra, para abrir um colégio em Paraíba do Sul. Só o abriria se eu fôsse dirigido. Eu aceitei o convite.

41 — Fui com êle, primeiro, conhecer o prédio em que funcionaria o colégio, a cidade, seu povo, meus primeiros prováveis alunos.

42 — Fui bem recebido por um pequeno bloco interessado na fundação do colégio e julguei, por isso, que seria felicíssimo em Paraíba do Sul. Portei-me, comedidamente, diante de várias provocações femininas, numa cidade quase sem homens, monótona, onde eu, ainda mço e solteiro, iria, por certo, alvoroçar muitos corações, estando, numa posição social definida.

43 — Acertada a inauguração do estabelecimento ademais, para Julho, puzemo-nos eu, mamãe e minha irmã (esta, aliás, contrariadíssima por deixar o Rio que adorava e o ambiente amigo e fraterno dos Pamplona e do Nacional), às arrumações da viagem.

44 — Mamãe ficara satisfeita com a situação financeira que eu, merecidamente, ia desfrutar em Paraíba; pois ninguém desejaria ir para lá, principalmente para iniciar a fundação de um colégio; mas a tristeza da filha amar-

gurava-lhe um tanto a alma, só a distraíndo a esperança de que o contacto com o lugar e sua gente, dissipasse essa tristeza grande e antecipada. Por ela, dizia, «onde meus filhos estiverem bem, eu também estarei bem».

45 — José, sempre pouco amigo de movimento, não se pronunciava; mas eu já lhe arranjava lugar na secretaria do colégio paratentar, ainda uma vez, furtá-lo à vida do jôgo do Rio, que o escravizava.

46 — Minha irmã, em vésperas de viagem, encontrou-se com Marília, no jardim do Méier, e falou-lhe da saída da Capital.

47 — No dia seguinte ao encontro, Marília foi ao Nacional propor sua ida conosco como professôra primária. Minha família concordou, diante de sua simplicidade, tanto mais que eu e o Almirante estávamos à cata de professôres para um lugar para onde ninguém queria ir.

48 — Fui na frente. José, mamãe, Leopoldina e Marília, depois, juntos. Consolava minha irmã com a promessa de uma vinda por mês, ao Rio, com a Marília, que viria visitar a família.

49 — No dia dois de julho (dia venerado por nossos corações baianos — Marília era baiana de coração —) inaugurou-se o Colégio Nacional de Paraíba do Sul, comigo na direção técnica, minha irmã na secretaria geral, José na portaria e disciplina. As aulas do curso de admissão eram dadas por mim; as primárias, no primeiro mês, por Marília. Hâbil na direção de várias turmas, professôra pública com vários anos de prática, desempenhou bem sua incumbência até a chegada, em agosto, de um casal de professôres.

## CAPÍTULO XXXIII

1 — A inauguração do colégio foi uma festa em Paraíba do Sul. Boa sede, no velho palacete dos Ribeiro de Sá, à entrada da cidade, para quem vem de Entre Rios. Em agosto, chegaram o casal Beluci, (êle, ex-inspetor do Colégio Militar), Armando Assunção, prof. Hildebrando, que já mencionei nestas memórias, professôra Rute Mager e um Guimarães de quem não me lembro o primeiro nome. Afora o Hildebrando, todos sem sentimento de solidariedade e sacrifício. Dois dêstes, foram afastados

um mês depois, porque surpreendidos numa trama de calúnias tremendas contra nós. Guimarães, de voz agradável, que muito nos auxiliou nas festas, não primou também pela sinceridade e foi obrigado a deixar-nos depois. Em princípios de Outubro, os dois restantes não se subordinaram à disciplina rígida do Colégio e deixaram-nos. Só o Hildebrando ficou conosco. Apesar de corretíssimo e sincero, era muito desconfiado; porém, Marília conseguia dissipar-lhe as desconfianças que até pareciam obsessões.

2 — Transferimos a oficina gráfica do Rio para Paraíba e nos puzemos a publicar uma revista educativa, pedagógica, muito bem apresentada — o *Alvorecer*.

3 — Olavo de tal (não me lembro de seu sobrenome), que trabalhava na oficina do Rio, foi para Paraíba. Não ganhando aí o que desejava, voltou para o Rio.

4 — Por anúncio de jornal, foi um tal Jaqueira, chantagista, que tirou muita coisa na casa Matos, em nosso

nome, de que não precisávamos. Além disso, não gostava de trabalhar. Chamando-o à atenção por tudo, revoltou-se tremendamente contra mim, mas veio embora, felizmente.

5 — Leo Dias, diligente e capaz, foi ótimo funcionário. Como não ganhasse o que desejava, resolvi editar o meu primeiro livro espírita — *Consciências* — para ajudá-lo.

6 — Havendo falta de papel, já quando eu tive de deixar a Paraíba, só em Nova Iguassú recebi d'ele o livro impresso, apesar de alguns desentendimentos entre nós. Mas o livro saiu — o nosso primeiro livro espírita.

7 — Voltemos à Paraíba. O Colégio Nacional de Paraíba do Sul firmava-se, espetacularmente. Seu programa de horário certo, bom civismo, boas festas teatrais, *Liga Pró-Educação e Bondade*, boas aulas, impressionava fortemente a cidade. Tínhamos alunos internos, semi-internos e externos. Conseguíamos ordem e disciplina absolutamente. Chegamos a trinta e seis internos.

## Existirá o Homem Lunar ?



O ano passado nesta mesma Revista de novembro publicamos uma colaboração, «A Conquista da Lua», onde argumentamos sobre a não habitabilidade lunar, de acordo com os informes da ciência. Mas alguns nossos amigos da doutrina nos advertiram pessoalmente se não estávamos ali colidindo com Kardec, n'A Gênese, capítulo Uranografia Geral, no tocante aos Satélites.

Depois ainda surgiu nesta mesma Revista de fevereiro último o artigo «No Mundo... da Lua», do operoso confrade snr. Arnaldo S. Thiago, evocando o mesmo assunto daquele nosso trabalho.

Diante disso resolveramos voltar nessa mesma questão, oferecendo o que estiver ao nosso alcance, e sem qualquer desatenção com as opiniões que não se afinam com os nossos argumentos. Antes, evitando mal entendido por parte dos que não se acham a par do assunto, queremos

ressaltar que os conceitos sobre Astronomia, ali n'A Gênese, não devem ser interpretados como de autoria do responsável pela obra. O que ali se lê, embora sejam trabalhos mediúnicos, a apresentação da entidade foi aceita sob condição de acordo com os conhecimentos da época.

Assim, Kardec, evitando más interpretações, colocou na introdução da obra a seguinte ressalva: «O mesmo escrúpulo havendo presidido a redação das nossas outras obras, pudemos com toda verdade dizer-las: segundo o Espiritismo porque estávamos certos da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas como simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas,

a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas».

Ora, considerando-se essa ressalva, o que ali se expôs na sua anotação número um, da página 114, d'A Gênese, 5.<sup>a</sup> edição, em português, na parte referente à Lua, o codificador apenas argumentou o assunto de acôrdo com a comunicação recebida, sob os conhecimentos daquele tempo. Como se tratava de uma questão estritamente científica, dependente de confirmações diretas, Kardec com muito bom senso laborou ali em termos condicionais.

Sem necessidade de reproduzirmos todo aquêlê trecho, basta lermos êste tópico da sua anotação, para compreendermos que se trata de uma hipótese muito natural e lógica, considerando-se, como já dissemos, os conhecimentos científicos da ocasião. É assim que ali, em determinado ponto êle esclarece: «Por muito racional e científica que seja essa teoria como ainda não foi confirmada por nenhuma observação direta, sómente a título de hipótese pode ser aceita...» Acreditamos que apenas nestas poucas palavras, do codificador, já é o suficiente para compreendermos a sua posição nesse assunto.

Falemos agora sobre a habitabilidade da Lua, com atenção ao trabalho do snr. S. Thiago.

Se considerarmos o nosso satélite com maior atração no lado visível, em relação ao outro lado oculto, teremos de fato a Lua com duas naturezas distintas no sentido relativo ao pêso (pêso refere-se a atração) dos corpos na sua superfície. Logo, um mesmo objeto colocado do lado de cá, onde a fôrça de atração é maior, êle aqui seria de maior pêso, do que quando passasse para a outra face, onde a atração seria menor.

No entanto, esta condição não serve de argumento para o conceito de que naquella parte invisível existe uma outra natureza, diferente da de cá com relação à vida. Mas se a existência de vida na Lua dependesse dessa diferença de atração, os gâses viventes, sendo do grupo dos elementos leves, deveriam nesse caso estar no lado visível, onde o potencial atrativo é maior, para prende-los ali, evitando que êles se escapassem pelo espaço afora.

Hoje seria inverso o conceito de que tais gâses (oxigênio livre e combinado no vapor d'água com o Hidrogênio) estariam do outro lado, devido a menor atração daquele hemisfério. Se o lado de cá, mais

atrativo, não os retêm, mais difícil seria concebe-los presos do lado de lá, para que ali se formasse uma atmosfera vivente.

Veamos o seguinte: As observações e experimentações sobre os estudos dos planêtas e satélites revelam que o poder atrativo dêstes astros é a condição essencial para que êles possuam ao seu redor gâses atmosféricos. Os corpos planetários de pouca atração, a exemplo da Lua, não possuem tais possibilidades, especialmente aquêles que se acham mais próximos do Sol, cujo calor concorre para a fuga dos gâses leves, essenciais para a vida, tal qual a conhecemos. Isto revela que se a Lua não contém atmosfera vivente no lado visível, ao qual se atribue de maior atração, lògicamente mais difícil será concebermos que ela a tenha no outro lado, onde se diz de menor fôrça atrativa.

Essa ausência de atmosfera lunar é constatada pelo exame do espectro da luz solar que a Lua reflete; pela ocultação súbita da luz das estrêlas, quando a Lua passa por elas; pela falta de penumbra na sombra das montanhas lunares; existindo ainda outras características que corroboram com êsses resultados.

A falta de uma camada protetora de gâses envolta do astro permite que os raios solares incidam diretamente sobre a sua superfície ocasionando elevada temperatura à mais de 100 graus centígrados, descendo, durante a noite, para 150 graus, abaixo de zero.

Se ali por ventura já existiu água, tal calor há muito tempo já a evaporou, cujos gâses desapareceram pelo espaço afora, pela falta de fôrça atrativa que os prendessem na orla do espaço lunar, a exemplo do céu terrestre.

E quanto aos vapores que foram observados em alguns círculos lunares, êsse fenômeno considera-se ligado à recente descoberta, por Shaplei, da existência de uma pequena atmosfera, no astro, de um gás pesado (não vivente), o argônio, julgando-se emanados das rochas potássicas ali existentes. E sobre a errupção vulcânica no pico central da cratera Alfonso, conforme acusam pela fotografia os cientista russos, não são elementos de provas sobre a suposta existência de habitantes lunares.

Como se vê, não há na Lua qualquer indício que a revele habitada, tratando-se de um astro com uma só natu-

reza imprópria para a vida, o que nos tira, como já dissemos anteriormente, qualquer esperança de encontrarmos ali o Homem lunar.

Contudo, qualquer opinião por mais modesta que seja deve também ser respeitada, se bem que uma eventual surpresa, sobre o encontro de selenitas, ali, somente seria concebível pela existência de outras leis, ainda não conhecidas pela nossa ciência.

Mas tal hipótese, como declarou Kardec, não deve pesar sobre a responsabilidade da doutrina.

No entanto, nós espíritas, por sermos adeptos da pluralidade dos mundos habitados, não devemos julgar que este conceito implique na obrigatoriedade de que todos esses corpos planetários devam conter habitantes. Este absolutismo é falso, conforme ainda pretenderemos demonstrar em outro trabalho, através das páginas desta mesma Revista.

V. O. Casella.

Caixa Postal 153 — Araraquara  
Est. de S. Paulo

## BIOLOGIA ESPÍRITA

AO ler o maravilhoso livro de Paul Neergaard «LA VIVO DE LA PLANTOJ» (A Vida das Plantas), escrevi ao ilustre cientista dinamarquês: «Seu livro nos leva à adoração; já o incluí entre os livros da minha Bíblia; penso nêles em termos de prece».

É um poema de Deus à vida da planta! Toda a formação de uma planta obedece a um inteligentíssimo planejamento anterior e se cumpre em virtude de leis admiráveis. Paul Neergaard compara o crescimento de um simples pé de trigo ao levantamento de uma torre, sàbiamente planejado e executado, mas no qual os «tijolos» são providos de vida e inteligência para se comportarem em perfeita harmonia com o projeto do Arquiteto.

Esses «tijolos» são células vivas, têm um espírito, obedecem a uma disciplina, cumprem missões bem definidas.

Diante de «LA VIVO DE LA PLANTOJ», pensei: «Se o sábio escandinavo conhecesse Espiritismo, que ensinamentos maravilhosos nos poderia êle dar!» Sentí o anseio de um livro que nos mostrasse o espírito nas formas mais elementares da vida, nos corpúsculos invisíveis que se grupam em colônias cada vês maiores até formar a maravilha de um universo como é o microcosmo «Homem».

Quando me ocorriam esses pensamentos, já estava em preparação numa tipografia de São Paulo o livro com que eu sonhava e agora já li — «A Teoria Corpuscular do Espírito», de Hernani Guimarães Andrade.

Muito modestamente o Autor declara que seu trabalho é apenas hipótese científica, esboço de teoria, parte elementar de uma obra maior que êle mesmo pretende escrever em outros volumes, e que espera colaboradores e continuadores para sua teoria. Tudo isso pode ser verdade, mas eu sentí o anseio de ler esses ensinamentos, tão simples, tão lógicos, que não se sabe como evitá-los.

Na desordem, no caos primitivo, começa a erguer-se a vida que é oposição à desordem e ao caos; começa a revelar seus planos inteligentes que vão tomando força e vigor; vai crescendo, aprimorando-se, dominando, governando a matéria, impondo suas leis a tudo.

Vêmo-la hoje no sábio, no santo; mas onde irá parar sua evolução, apenas começada? Irá parar no homem, este produto inacabado? De certo que não! Prosseguirá progredindo pelos séculos e milênios e vindouros. Como será ela daqui a tanto tempo como o que nos separa do Homem de Neandertal? E um milhão de séculos mais tarde?

O Autor de «A Teoria Corpuscular do Espírito» é um engenheiro jovem e nos fala como especialista, em construção de pontes? Não; em Genética e Embriologia, em Biologia. Assim, a sua própria vida nos revela o espírito, maduro e reencarnado. Não duvida da existência do espírito nem da reencarnação, e nôlas revela em tudo que vive; e nós vamos mais longe: vêmo-las no Autor mesmo da Teoria.

Parece ter chegado o tempo de uma

tremenda transformação na mentalidade humana: a ciência, que sofreu guerra de morte da religião e se acastelou na matéria, vai provar os dogmas fundamentais de religião — immortalidade e reencarnação do espírito.

Carlos Vaz-Ferreira diz que o cientista, de pé na superfície de um *iceberg*, exclama ufano: «Fiquemos aqui, isto é sólido!». Quando, porém, aumenta um pouco o calor, a montanha de gelo se derrete; e quando aumenta mais o calor, ela desaparece como o gás. Lá se foi pelas ares a «solidez» da ciência materialista!

O Autor de «A Teoria Corpuscular do Espírito» lê muito e tem excelente

memória. Estuda as coisas a fundo. Está em dia com a evolução científica e com a revelação espírita. Tem mais três volumes planejados, nos quais falará aos cientistas na linguagem própria deles e se fará compreender. É um plano de trabalho para 16 anos, mas poderá estender-se muito mais.

Desde já a teoria é uma revolução benéfica na Biologia: dá-nos a chave de muitos mistérios; projeta luz em muita treva e terá que lutar contra fortes preconceitos, mas os vencerá a todos.

ISMAEL GOMES BRAGA.

## Irredutíveis os Fatos Espíritas a explicações de ordem hipnótica

*Letargia é apenas uma fase do processo hipnótico — Declarações do especialista Tullio Chaves sobre as experiências de Irmão Vitricio — Um caso de moldagem de mão em parafina*

As tentativas de explicação dos fenômenos espíritas, por meio de magnetismo e hipnotismo, são absolutamente inconsistentes. É curioso o processo, que podemos chamar cíclico, pelo qual as hipóteses anti-espíritas aparecem e desaparecem nos vários países. De quando em vez ressurtem e retomam vulto as acusações de fraude pura e simples, como aconteceu há um lustro, entre nós, com a publicação do livro do prof. Silva Mello, brilhantemente refutado pelo prof. Sérgio Valle. Depois, como acontece agora, são as acusações de ordem hipnótica ou anímica, subconsciente ou histérica, e assim por diante. Todos os defensores dessas hipóteses, entretanto, se esquecem de ler um livro do prof. Ernesto Bozzano, «Animismo ou Espiritismo», em que as referidas suposições e muitas outras foram cientificamente analisadas e reduzidas às devidas proporções.

Allan Kardec, antes de se tornar espírita, estudou magnetismo e hipnotismo durante muitos anos. Em meados do século passado o assunto estava no auge, na Europa e na América. Quando surgiram os fenômenos das mesas girantes, Kardec, que era, então, apenas o prof. Denizard Rivail, foi convidado por um seu amigo e colega de estudos magnéticos, o sr. Fortier, para assistir a uma nova forma de fenômenos magnéticos. Kardec verificou, com a perspicácia e o bom senso que o

caracterizavam, tratar-se de fenômenos diferentes, que revelavam a presença de uma inteligência extra-corpórea. Foi assim que se interessou pelo estudo dos novos fenômenos e chegou às admiráveis conclusões consubstanciadas na doutrina espírita.

Os fatos espíritas são irredutíveis a qualquer outra explicação, que não a de Kardec. Isso provou Bozzano, decisivamente, em seu livro acima citado, verdadeiro monumento de análise científica dos fenômenos espíritas. Isso provaram Crooks, Geley, Osty, Lodge, Aksakoff e tantos outros, e isso o estão provando, agora mesmo, as experiências de Biorkhem, Price, Rhine e outros. Nem o magnetismo, nem a eletricidade, nem as hipóteses fantásticas do «refletor universal», do subliminar, da onipotência da mente, e outras do mesmo jaez, podem oferecer os elementos de comprovação que a teoria espírita oferece. Todas essas hipóteses nada mais são do que tentativas desesperadas de negação da realidade demonstrada pelo Espiritismo. É por isso que seguem o sistema cíclico da moda ou dos brinquedos infantís, aparecendo e desaparecendo, numa sucessão curiosa. Ontem, era «tempo da fraude», e hoje «é tempo do hipnotismo», da mesma maneira por que existe o «tempo de pião», de amarelinha ou de biboquê.

«Mundo Espírita», excelente órgão de divulgação doutrinária que se publica em Curitiba, sob a direção do confrade

Lauro Schleder, traz em seu número de novembro último uma entrevista com o prof. Tulio Chaves, catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, e lente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, sôbre as pretensas demonstrações hipnóticas de Irmão Vitrício contra o Espiritismo. O entrevistado, que é formado pela Universidade de Genebra, Suíça, e fêz cursos de especialização em Nápoles, Paris e no Rio, foi aluno de hipnotismo do prof. italiano Rummo, discípulo de Charcot.

Interpelado sôbre as rumorosas demonstrações de Irmão Vitrício, declarou o prof. Tulio Chaves: «Nada de novo existe nessas experiências. São meras sessões de hipnotismo». E acrescenta: «O irmão marista de Santa Maria chama o fenômeno que produz de letargia, como o poderia chamar por qualquer outro nome. Letargia é, na linguagem do mestre francês e do italiano, uma das fases do hipnotismo». Logo mais, de maneira incisiva, afirmou: «Dizer que letargia não é hipnotismo é contrariar todos os conhecimentos da Psicologia». Podemos aliás acrescentar, a título de informação, que o processo da letargia é estudado no «Livro dos Espíritos», de Kardec.

A respeito da produção de um fenômeno de moldagem de mão em parafina,

numa sessão hipnótica de Irmão Vitrício, disse o prof. Tulio Chaves: «Não creio que o Irmão tenha produzido um fenômeno de moldagem de mão. Consta-me que essa moldagem, apresentada em suas conferências, não foi produzida em presença do auditório. Não terá, porventura, sido produzida nas sessões espíritas do Ginásio?» A respeito dessas sessões espíritas, esclarece: «Sei, de fonte segura, que no Ginásio de Santa Maria fizeram-se experiências espíritas positivas, tanto que um marista deixou a ordem e aderiu ao Espiritismo».

Como temos dito e repisado, nesta secção, há mais de dez anos, as «novidades» que volta e meia aparecem contra o Espiritismo são tão novas como a Sé de Braga. Os leitores que se preocuparam com as «demonstrações» de Irmão Vitrício têm os esclarecimentos a respeito na palavra autorizada de um especialista em medicina, psicologia e hipnotismo, que demos acima. Se quiserem, porém, vacinar-se contra as «novidades», e ao mesmo tempo obter maiores informações sôbre as referidas «demonstrações», leiam «Animismo ou Espiritismo», de Ernesto Bozzano, que existe em português.

Irmão Saulo

## EVANGELHO E CIÊNCIA

Na opinião de muitas pessoas, pelo que tenho ouvido aqui e alhures, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* é uma obra inteiramente destituída de interesse científico. Não se deve prejulgar em matéria tão delicada e complexa. Realmente, o Evangelho, em si, tal como se acha nos relatos de Mateus, Marcos, Lucas e João, é um código de moral, todo êle inspirado no amor e no espírito de sacrifício, como também é um conjunto de narrativas históricas. Sob o ponto de vista estritamente histórico, há muito o que discutir e analisar, principalmente depois do aparecimento de certas obras, orientadas pela crítica moderna, pois o próprio Codificador da doutrina, e é êle quem o diz, logo na *Introdução*, teve o cuidado de se fixar na parte moral, que é substancial e permanente, deixando de lado a matéria

sujeita a controvérsias. Convém notar, sem perda de tempo, que uma coisa é o *Evangelho* segundo os quatro evangelistas ou adstrito à letra pura e simples do Novo Testamento, e outra coisa, bem mais racional, é o *Evangelho* interpretado à luz do Espiritismo. O Evangelho é um só: a mensagem, a Boa Nova anunciada por Jesus. Há muita diferença, todavia, entre a *letra fria* do Novo Testamento, com o simbolismo de certas figuras e expressões fortes, e a inteligência e clareza da interpretação espírita, sempre apoiada no raciocínio científico e na lógica da compreensão filosófica.

Logo, quando se diz *Evangelho segundo o Espiritismo*, isto é, o Evangelho interpretado à luz do Espiritismo, a questão muda de figura, porque os fatos do Evangelho passam a ser considerados em

face da fenomenologia mediúnica, perdendo o sentido de «milagres», assim como algumas alegorias e altos ensinamentos velados tomam feição inteiramente nova, com a chave da reencarnação. O Evangelho fala em *ressurreição*, como fala em *nascer de novo* etc., e tudo isto seria nebuloso ou contraditório, senão aberrante, não fôsse a explicação espírita, com base na reencarnação, colocando determinadas expressões evangélicas em termos racionais. A *ressurreição*, por exemplo, seria um disparate perante a Ciência. Como poderíamos nós, espíritas, aceitar o Evangelho tal qual está escrito nas versões do Novo Testamento?... Não é possível ficar com o Novo Testamento e desprezar a doutrina espírita. Sem as luzes do Espiritismo, que se alicerçam nos dados científicos e na coerência do raciocínio filosófico, o Evangelho se torna incompreensível, a não ser que seja encarado apenas pelo lado devocional, evidentemente inadequado ao pensamento espírita. O Evangelho torna-se claro, forte e cada vez mais luminoso à proporção que aplicamos os ensinamentos do Espiritismo em sua interpretação. Se, portanto, fecharmos as obras espíritas, cujos fundamentos centrais se corporificam na Codificação de Allan Kardec, e nos quisermos prender sistematicamente aos versículos dos evangelistas, no estilo das escolas bíblicas, jamais penetraremos no «espírito que vivifica». A interpretação do Evangelho conduz naturalmente o nosso pensamento para o confronto de pelo menos três obras indispensáveis, sem as quais seria impossível recorrer às luzes do Espiritismo: O *Livro dos Espíritos*, O *Livro dos Médiuns* e *A Gênese*. Foi por intermédio da doutrina espírita, porque os espíritos no-lo disseram sem hesitação, que nos certificamos da realidade e sublimidade dos ensinamentos de Jesus. (Vejam-se, principalmente, as questões 625 e 627, d'O *Livro dos Espíritos*, como também a secção VIII, da última parte — «Conclusão» — dêste livro, assim como o cap. I d'*A Gênese*, n.ºs 30, 41 e 56). O Espiritismo trouxe, portanto, luz nova sobre os textos evangélicos, já em relação aos fatos mediúnicos, já em relação às consequências filosóficas de certas passagens fundamentais.

Dentro desta ordem de idéias, já podemos ver que O *Evangelho Segundo o Espiritismo* não só é uma obra de valor decisivo no corpo da doutrina, pois sem ela a doutrina estaria incompleta em sua

parte moral, como é, também, uma obra capaz de suscitar a discussão de problemas científicos. Abramos, por exemplo, o cap. XIV d'O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, e lá encontramos, nas «Instruções dos espíritos», uma série de questões inerentes aos laços de família. Pois bem, nessa dissertação, que é, aliás, um tanto longa, o instrutor espiritual toca em problemas diversos, como a conservação das paixões e dos vícios, afinidades, instintos etc. Há uma parte em que o espírito, com antecedência de mais de meio século, chega a tratar de um ponto que, hoje, é objeto de discussão até no campo da Psicanálise. Modernamente, como se sabe, Freud procurou explicar tudo pela generalização do pan-sexualismo, cometendo exagêros, que já foram, há muito, recusados até por antigos discípulos do mestre de Viena. Lê-se, n'O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, a seguinte observação: «Desde o berço a criança manifesta os instintos bons ou maus, que traz da existência anterior; applicai vos a estudá-los é o que vos cumpre fazer. Tendo todos os males no egoísmo e no orgulho, deveis observar que os mais insignificantes sinais que revelam o germe dêses vícios e esforçai-vos por combatê-los antes que criem raízes profundas...» Temos, aí, um problema de ordem biológica: a influência dos instintos nas reações e nas tendências, mas o problema também repercute na vida psíquica. Logo, é igualmente um problema de Psicologia. É indiscutível a repercussão dos fatores biológicos no comportamento e nas manifestações da vida psíquica, como também nas complexas. O espírito fala, ainda, no germe dos vícios.

Onde está o germe dos vícios? No sangue? Nas glândulas? É claro que, à luz da tese reencarnacionista, que os psiquiatras não aceitam, a criança traz consigo tendências e gostos, cuja exteriorização pode ser provocada pelo meio externo, como pode ser retardada por muito tempo, por força das circunstâncias. Segundo a doutrina espírita, o germe do mal está no espírito, não está nesta ou naquela glândula, neste ou naquele órgão: a glândula é um instrumento no qual se polarizam deficiências físicas e psíquicas, repercutindo no comportamento; mas a tendência para o vício não está na glândula, seja ela qual for, porque é inerente à inferioridade do espírito que reencarna. A composição corporal e a organização

perispiritual já prevêem a situação do espírito que deve reencarnar em tais ou quais condições, para cumprir uma prova ou desempenhar determinada missão. É o que se chama «desenho prévio», de que nos fala Gabriel Delanne, em sua obra *A Evolução Anímica*. Evidentemente o corpo influi sobre o espírito e vice versa. Este ponto é pacífico no Espiritismo, pois o funcionamento glandular não pode deixar de ter repercussões nas atitudes, nas reações e até nas idéias de certos indivíduos. Daí, porém, não se vai chegar ao exagero de admitir que um indivíduo seja bom ou mau simplesmente porque o órgão X ou Y funciona mal ou bem, ou porque uma das glândulas é defeituosa. Se assim fôsse, o problema do bem e do mal sobre a Terra, problema que sempre causou preocupação aos filósofos, teólogos, educadores e moralistas, seria resolvido apenas com o progresso da cirurgia: se o indivíduo A ou B trouxe o germe da perversidade, então que se lhe extirpe ou conserte a glândula responsável pela ruindade, e o indivíduo passará a ser bom, logo depois de uma intervenção cirúrgica. Voltemos aos complexos.

A escola freudiana exagerou muito a noção de *complexos* e *recalques*, como também deu importância demasiada ao fator sexual. Se, antes de organizar o seu sistema, Freud tivesse conhecido bem a tese reencarnacionista, talvez colocasse o problema dos complexos e recalques em termos mais largos. É sabido pelos espíritos que, ao reencarnar, o espírito vem com um acervo de tendências ou predisposições, que se manifestam com maior ou menor facilidade quando encontra uma organização psicopomática bem ou mal adequada e quando, por sua vez, as condições ambientais oferecem ou não possibilidades. Convém notar, entretanto, que, apesar da ação de fatores constitucionais e ambientais, a *causa* remota das boas ou más inclinações está no espírito. Certos *complexos* refletem prevenções ou frustrações do espírito, em situações anteriores à vida presente.

A reencarnação elucidada, portanto, muitos problemas que a Psicanálise não conseguiu esclarecer, e a respeito dos quais tentou firmar doutrina, sem resultados satisfatórios, porque não se preocupou a fundo com o espírito, nem tomou conhecimento da influência das «vidas sucessivas» no processo de relações do indiví-

duo com o meio interno e externo. Tendo-se fixado demais no elemento puramente biológico, a escola freudiana desprezou a substância espiritual do homem e, por isso mesmo, não pôde compreender até onde vai ou pode ir o «entrosamento» do passado com o presente, no curso progressivo da individualidade, pois a reencarnação influi até na organização somática ou na forma individual, como nas preferências e reações. Ao nascer, sim, a criança traz o *germe* de suas inclinações no *Eu* individual, o *Eu* real e profundo, mas esse germe está no espírito, não é simples produto do equipamento biológico ou mero reflexo de acumulações hereditárias. Então, diz muito bem O *Evangelho Segundo o Espiritismo*: «desde o berço a criança manifesta os instintos bons ou maus, que traz da existência anterior...» Eis, aí, uma afirmação que envolve problema de Biologia, Psicologia e Psicanálise, podendo levar também ao plano mais alto da especulação filosófica. Parece, à primeira vista, uma proposição vulgar, mas a verdade é que o seu conteúdo vai tocar, como toca, em três problemas científicos: o instinto, a hereditariedade e a personalidade, tudo isto esclarecido com as luzes da reencarnação. Psicólogos e psicanalistas emancipados teriam muito o que estudar e pensar, dentro dêsse trêcho d'O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, obra integrante da Codificação de Allan Kardec.

Outro ponto, em que O *Evangelho Segundo o Espiritismo* entra no terreno científico, é exatamente aquêle em que discorre sobre os efeitos magnéticos da prece, no cap. XXVII: «Pedí e obtereis». A ação da prece, pela força do pensamento, pode produzir até modificações físicas, pelos efeitos vibratórios no perispírito. Tudo isto foi examinado e discutido, em termos científicos, por experimentadores de envergadura mental de um Bozzano, um Alfredo Erny, por exemplo. A prece tem ação sobre o perispírito e pode, por isso, realizar transformações impressionantes. O poder do pensamento, estudado há milênios por velhas escolas orientais, já foi confirmado experimentalmente através de fenômenos positivos. Estão, aí, os casos de *ideoplastia*, objeto de investigações científicas, demonstrando que o pensamento pode chegar ao alto ponto de criar formas visíveis. O Espiritismo trouxe grande contribuição a esse ramo de conhecimento, principalmente quanto ao valor dos

fluidos e suas propriedades. (Veja-se *A Gênese*, cap. XIV). Pois bem, o ensino d' *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no que concerne ao valor da prece, que não deve ser encarada como reza maquinal, está alicerçado em bases científicas. Daí, a sua segurança. Do mesmo modo, ao afirmar a fôrça da fé, porque «a fé transporta montanhas» (Cap. XIX), *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, nos dá uma lição profunda e coerente, a respeito da alma humana e, com isto, entra na seara da Psicologia. Que é isto, afinal, senão ciência? Muitos e muitos outros pontos poderiam ser lembrados, como demonstração de que *O Evangelho Segundo o Espiritismo* não é um livro tão simples, tão corriqueiro, como às vêzes se diz. É simples, muito simples, não há dúvida, mas a sua simplicidade não significa pobreza de idéias e argumentos, pois tem muita consistência doutrinária. Quem quiser estudá-lo com embocadura científica e não apenas como quem «lê por alto», encontra uma urdidura de princípios muito firmes.

Quanto aos seus objetivos morais, como obra de cúpula da doutrina, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* consola, ilumina e fortalece o espírito, principalmente nas horas de angústia. É um rotei-

ro luminoso, mas é preciso notar que o espírito não pode caminhar com segurança quando não tem apóio na convicção, e a convicção depende do conhecimento. Logo, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* não pode ser considerado uma obra à parte, inteiramente desintegrada do corpo da doutrina, porque isto seria mutilação, em prejuizo da própria unidade doutrinária do Espiritismo. Como parte insubstituível da Codificação, é uma fonte de luz espiritual, apoiada sôbre os alicerces da ciência e do amor, que é a «síntese de tóda a moral de Jesus», atendendo às necessidades da inteligência e do coração. Já se vê, finalmente, que não é—convém repetir—uma obra destituída de interêsse científico, mas a ciência precisa e deve ser guiada pela moral, a fim de que, como instrumento nas mãos do homem, tenha fins superiores, em harmonia com o pensamento divino. O progresso intelectual ou científico pode ser inútil ou nocivo, se o homem não procura, cada vêz mais, aprimorar os sentimentos. É, portanto, para essa grande realização interior que a sabedoria do Evangelho nos aponta o caminho certo, através do conhecimento, do trabalho e da caridade.

### Deolindo Amorim

## O Homem, êsse recalitrante

v. lireñado

LOGO no início da última guerra, o mundo estarrecido viu a França, a grande França, invadida, subjugada e tomada pelo adversário. De tóda a Terra milhares de artigos e inúmeros livros se escreveram lamentando o fato. Em tantos escritos chorava-se mais a desanimação tombada em Paris, carpiava-se mais o amortecimento da boemia da Cidade Luz do que o sofrimento moral e físico do povo francês. Por outra, homens religiosos, ponderados chegaram a aventar a hipótese de que uma vez superada a crise, através daquelas dores e privações, terminada a guerra, a Paris impenitente ressurgiria purificada de suas velhas mazelas, se faria mais de Deus e menos do mundo, e a Europa se faria melhor pelo duro testemunho, pela prova pungente e sangrenta. Findou a guerra.

A Europa não se melhorou, a França politica não se fez outra, Paris cresceu na frivolidade e intemperança.

Passados alguns anos, recuperando-se de algum modo econômica e militarmente, vimos que a França, proclamadora crônica da liberdade, igualdade e fraternidade, bombardeava impiedosamente florescentes zonas duma Indochina desejosa de forrar-se do jugo estrangeiro. Era a cobiça pelos arrozais imensos do país que provocavam o bambardeio sistematico? Não só a cobiça pelos arrozais é que agia, era mais que tudo o orgulho imperialista da França já agora em suficiência política e bélica.

Logo mais viu-se a aviação francesa apoiando a inglêsa no arrazamento de aldeola egípcias. O motivo era passagem de Suez.

Depois viu-se repartos do exército francês em guerrilha de extermínio na Argélia paupérrima, faminta mas super-farta de ser explorada através dos tempos. Mas o que possuiria a hoje justamente rebelde Argélia para provocar tanto ódio dos dominadores, provocar na França tantas medidas drásticas, para lançar em conselhos de guerra tantos oficiais e soldados que recusaram a partir para a luta cruenta? Outra vez o orgulho imperialista? Lógico! E mais ainda; a Argélia tem seus olivais, tem suas tangerinas, tem suas ovelhas que dão a lã. E como tais preciosidades hão de ficar para os bárbaros se os usurpadores super-civilizados precisam delas? Quem vai gostar de uma salada com menos azeite de oliveira, quem não sabe o gostoso de um refrêscos ou licôr de tangerinas, quem não conhece o bem-estar que no inverno dá o capote de boa lã?

Que interessa aos políticos do mundo, que interessa ao sofisticado europeu metropolitano saber que a sua salada, o seu refrêscos, o seu pulover custou a vida de bárbaros, custou o sangue de aldeias inteiras de bárbaros?! Um cozinheiro precisa de elementos para seus pratos, o garção para os seus coquetéis, o grande mestre da costura precisa de tecidos para lançar a grande moda. Entre os comensais dos grandes hotéis do mundo, entre a assistência seleta que aprecia o desfile da moda nas casas cos-

tureiras do asfalto, quem vai querer saber se tal iguaria ou tal vestuário custou duas ou duzentas vidas humanas? E o político e o diplomata? Ambos conhecerão remorsos por haverem determinado massacres em massa, se os grupos do mundo os saudam, os hospedam jubilosos, lhes enviam flôres pelas sábias e enérgicas e inadiáveis medidas tomadas? E essas medidas não lhes darão comendas e títulos, não lhes darão biógrafos incensadores?

Mas, não é só uma nação a dar-se às agressões bélicas. Ora é um país, ora é outro que ensaia conflitos armados. Nações poderosas, falando em defesa contra ideologias políticas antagônicas despejam em terras alheias suas fôrças que vão metralhando, bombardando, incendiando. Pois é, a longa e dolorosa experiência da última guerra não melhorou o ânimo do homem, que recalitra em todo tipo de êrro, em todo tipo de agressão. Seguem-se os crimes de nação contra nação, prosseguem os desafios internacionais.

— Ó Pai justo e onisciente, como se apresentarão ao vosso Tribunal êstes blocos humanos que estraçalham e pisoteiam o Evangelho do vosso Filho, aqui na Terra plantado há quase vinte séculos?

Como se apresentarão ao vosso Juízo, Senhor, estas gentes que trazem o cérebro em pletora de sabidismo delinquente, mas lançaram fora o coração, pois não querem saber do vosso Amor?!

## Crônica Estrangeira

### O aviso do «morto»

De «Estudos Psíquicos»

*Spiritualisme Moderne*, de Liege, extraiu o seguinte caso do semanário londrino *Two Worlds*:

«Um quarto de hora antes do iate «Silver Cloud» encalhar nos fundos arenosos de Rattray (Escócia), um marinheiro «morto» avisou a única tripulante de que uma infelicidade ia abalar o navio.

«Eis a história que a francesa Marcelle Mortlock contou a um jornalista do *Aberdeen Pres and Journal*, num abrigo dos guardas-costas:

«Sei que isso parecia loucura — disse ela — e a tripulação riu-se de mim. Foi talvez pesadelo, produto da imaginação ou coisa análoga, mas o certo é que vi. Eu não creio em fantasmas. Nunca tinha visto nenhum, mas êste vi-o sete ou oito vêzes desde que tocámos em Inverness.

«Era um marinheiro novo, de rosto redondo e agradável e o seu nome julgo ser Lancastrian ou Lancaster, pois assim estava escrito no seu boné. Desapareceu tão rapidamente como veio, mas falou, para dar o aviso.

«O fato de só eu ter ouvido as suas palavras torna o caso mais difícil

de compreender aos outros. Um dia, em Inverness, estava eu no salão com a senhora Moore, mulher do proprietário, a tratar de uma série de compras, quando apareceu junto dela. Eu abri a boca na intenção de gritar e êle desapareceu. Ao contar a visão à minha companheira, esta disse que tivera a impressão de que alguém estava atrás dela.

Quando o marinheiro lhe falou, a senhora Mortlock estava no beliche.

— Não me lembro exatamente das suas palavras — conclui —, mas disse que alguma coisa ia suceder ao iate e que não me assustasse, porque nenhum mal nos seria causado. E acrescentou que êles só desejavam que o barco não deixasse a Escócia. Quinze minutos depois tudo se havia cumprido, como fôra anunciado. Pode ter sido um sonho ou um pesadelo, mas jamais esquecerei o seu rosto.



## Médium liberta uma môça «assombrada»

«Two Worlds»

O «Sunday Pictorial», grande periódico inglês mostrou-se tão impressionado com um relato referente a um espírito ligado à terra e que foi doutrinado chegando a publicar o fato em tipos maiúsculos: «MÉDIUM LIBERTA UMA MOÇA ASSOMBRADA».

O jornal do correspondente de Roma relatou o modo pelo qual uma jovem viúva foi «libertada do espírito» de seu marido morto, numa impressionante sessão em sua própria casa.»

A viúva, Maria Mamelli, de 28 anos, cujo marido morrera num hospital, há três anos, disse que a forma espiritual começou a aparecer em Setembro.

Então ela ouviu a voz de seu marido chamando-a, de noite. Produziram-se estranhos ruídos tanto de dia como à noite, e em plena luz do dia repentinamente o quarto ficava imerso em sombra.

Ela chamou um padre e um monge para exorcismar o intruso em sua casa de Liscate, perto de Milão, mas seus esforços falharam.

Desesperada, ela pediu auxílio ao

Professor Bruno Scalia, por toda Itália conhecido «pelo seu conhecimento de Ocultismo». Êste levou uma médium, Rossina Giordani, á casa de Maria.

Ambos pediram ao espírito mostrar-se aos presentes. A seguir a médium caiu em transe. Durante hora e meia, disse o professor, «nós lutamos até que por fim o aposento escureceu gradativamente e materializou-se um rosto».

A viúva exclamou, «é meu marido». Naquele momento, a médium despertou do transe e a imagem desapareceu. O professor afirmou que podia garantir que Maria não mais seria importunada. «Eu, desde então não mais fui perturbada».



## Em sonho a mãe viu a morte da filha

«Two Worlds»

Não obstante mãe e filha separadas por uma distância de cerca de 20.000 quilômetros, a morte da filha foi transmitida no momento em que ocorreu em forma de pesadelo.

Estava Suzan Moores, de oito anos de idade, brincando na praia de mar em Nova Zelândia, quando enorme onda a matou. Na Inglaterra, a mãe Florence Moores, despertou gritando com terror, porque ela viu a tragédia em sonho, na sua casa de Heaton Norris.

Três dias depois, relatou o jornal «Manchester Evening News», isto na semana passada, a Sra. Moores recebeu um telegrama que anunciava: «Suzana morreu afogada, quando se banhava.»

«Não é esta a primeira vez que meus sonhos exprimem a realidade», disse a mãe. «Sempre me sinto terrificada ao sonhar com tragédia, porque sempre são reais.»

Há quatro anos emigrou, seu filho Stanley Hall, de 39 anos de idade.

Êle ia deixar seu trabalho, na Nova Zelândia, forçado por um ferimento nas costas — fato que a Sr.<sup>a</sup> Moores viu acontecer em sonho.

Ela acrescentou: «êsses sonhos são tão claros e se realizam com tal precisão, que me deixam doente por dias seguidos. Haverá cura para isso?»

## Nova Igreja Espirita

De «*Estudos Psíquicos*»

O *Psychic News*, de Londres, insere na sua edição de 12 de Outubro uma notícia sensacional. É a primeira vez na História Moderna que numa igreja ortodoxa se abre uma cisão por causa das verdades espíritas! E os rebeldes formam uma igreja livre na África do Sul.

Mas vamos à notícia.

Sob a direção espiritual do Reverendo C. Ferris, ministro presbiteriano simpatizante do Espiritismo, grande número de fiéis separaram-se da *Igreja Presbiteriana* para formar a *Igreja Livre Presbiteriana da África do Sul*. A nova Igreja baseia-se nas provas da sobrevivência da alma obtidas através de comunicações espíritas e no valor da cura espiritual.

A origem do cisma, que representa grande passo no progresso do Espiritismo, foi relatada pelo Rev.<sup>o</sup> George May, chefe da nova Igreja. O seu cargo equivale a bispo da Igreja Inglesa.

O Espiritismo alcançou notáveis progressos na África do Sul, especialmente nos Presbiterianos. Alarmado com a propagação da Doutrina e com a crescente simpatia que esta disfrutava naqueles prelados, o Presbitério de Capetown (Cabo da Boa Esperança) anunciou que seriam excomungados pela igreja todos os ensinamentos espíritas.

Esta ameaça não produziu efeito, porque os ensinamentos impunham-se como necessários e os simpatizantes revoltaram-se contra a excomunhão.

Dias depois, May recebeu uma Delegação chefiada por C. Ferris antigo Ministro demitido pelas suas crenças e que, apoiado agora pela sua Congregação, conseguiu reunir à sua volta mais

de mil sequazes a que se têm juntado muitos outros.

Assim se formou a *Igreja Livre*, devido aos esforços daqueles que desejavam seguir os ensinamentos espíritas e a quem a excomunhão não assustou.

Os movimentos libertadores começam sempre por uma idéia de renovação lançada pelas minorias. Se não há espírito compreensivo as reações sucedem-se e acabam às vezes como um suspiro. Mas a brasa volta a fazer sentir o seu calor, ou no mesmo sítio ou noutra. A reforma é exemplo deste gênero e teve enorme influência no desenvolvimento e destino dos povos anglo-saxónicos, que vão à frente em civilização e progresso.

Esta *Igreja Livre*, que surge na África do Sul, país de vastos recursos aberto aos surtos espirituais, é a prova de que o pensamento não estratifica e que a doutrina espírita assenta em verdades que revolucionam o mundo moral e orientam as próprias religiões ortodoxas em sentidos mais amplos e humanos. Porque as religiões têm que ser humanista; aliás ficarão emparedadas.

Os Presbiterianos da África do Sul seguem o seu rumo com firmeza, alheios ao anátema e numa linha de coerência que muito os enaltece.

As religiões são caminhos para Deus, como temos dito, mas quem as não sente não deve propagá-las.

Os grandes místicos da humanidade sentiram-nas verdadeiramente e abriram clareiras no mundo retrógrado. O que há de bom e de belo no coração humano veio-nos desses arautos sublimes que trocaram a comodidade pelo sacrifício. Quase todos morreram execrados, mas a sua doutrina harmonizou muitas almas e projectou-se no futuro do mundo.

As nossas saudações à *Igreja Livre Presbiteriana da África do Sul*.

---

## TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

*Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obsequio de nos mandar com tóda clareza o seguinte :*

1) nome por extenso ; 2) o antigo enderêço ; 3) o novo enderêço, para onde a Revista deve ser enviada.

# Necrologia

## D. Trindade da Conceição Ferreira

No dia 8 de abril último, na Casa de Saúde Santa Izabel, de Araraquara, onde se achava em tratamento, deu-se o passamento de D. Trindade da Conceição Ferreira, dedicada espôsa do nosso amigo Italo Ferreira, redator de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», ambos pertencentes a tradicional família espírita matonense.

D. Trindade nasceu em Rio Claro, em 1895, sendo filha dos saudosos Joaquim Ferreira e Maria da Conceição Ferreira, e, deixou, com o seu desenlace, além do marido, suas filhas senhorita Olga Ferreira, professôra de Canto Orfeônico do Colégio Estadual e Escola Normal «José Alves Mira», da cidade de Dois Córregos e Helena da Rosa Roberto, esta filha adotiva, casada com Paulo Rodrigues da Costa.

Expressão de bondade e de modéstia, d. Trindade, tinha por escôpo cuidar do seu lar, para confôrto do espôso e das filhas, para proporcionar assistência a outros familiares e mesmo a estranhos.

Nós espíritas sabemos que a morte é apenas uma separação transitória entre os que se estimam, mas toda a separação provoca tristezas. O passamento de D. Trindade provocou derrame de lágrimas.

Sobreveio o passamento após longos dias de sofrimentos, suportados com resignação cristã, mas oca-

sionando pesar em todos que lhe são caros.

Transportado de Araraquara para Matão, o corpo de D. Trindade foi velado por grande número de pessoas, não só daqui, como, também, de Araraquara e de outras cidades inclusive de São Paulo.

Entre as homenagens espontâneas que lhe foram prestadas, exprimindo a grande consideração de que sempre gozou, o comércio local cerrou as suas portas e a Prefeitura Municipal suspendeu o expediente no dia de seu sepultamento, que teve um acompanhamento fora do comum; refletindo estima geral.

O nosso colega local, «A Comarca», publicou além de expressiva nota necrológica, o seguinte, com referência ao passamento.

*«Gesto amigo do Deputado Scalamandrê Sobrinho*

«A propósito do falecimento de D. Trindade Ferreira, espôsa do sr. Italo Ferreira, o deputado Scalamandrê Sobrinho teve um gesto que repercutiu de maneira muito louvável no seio da família enlutada, quando requereu na Assembléia Legislativa, um voto de profundo pesar pelo falecimento daquela senhora.

«Eis os têrmos do requerimento e respectiva justificativa:

REQUERIMENTO N.  
211, de 1959

«Requeiro nos têrmos regimentais, a inserção, na ata de nossos trabalhos, de um voto de profundo pesar

pelo falecimento, ocorrido a 8 do corrente, em Matão, de D. Trindade Ferreira, dando-se ciência à ilustre família.

### JUSTIFICATIVA

«A cidade de Matão, a 8 do corrente, foi abalada pela notícia infausta da morte de D. Trindade Ferreira.

«Tratava-se da espôsa do sr. Italo Ferreira, antigo jornalista da localidade, muito estimada e respeitada pelos seus dotes de coraço e bondade.

«D. Trindade Ferreira, em sua piedosa existência, empregou o máximo de si na prática da caridade e amor ao próximo.

«Espôsa exemplar, foi a companheira extremosa e dedicada que deixou um lar em prantos e tôda uma cidade em sentidas saudades.

«Não pode esta Assembléia deixar de irmanar-se aos que lamentam a morte de tão virtuosa dama, inscrevendo em seus anais a homenagem justa que propomos.»

Aos parentes de D. Trindade, em particular ao nosso companheiro de lutas, Italo Ferreira, que foi colaborador, da primeira hora, de Cairbar Schutel, e a sua inconsolável filha, professôra Olga, aqui externamos a nossa solidariedade, com votos de resignação e coragem. E ao espírito recém-liberto, de D. Trindade, almejamos um rápido despertar, muita luz e paz no Mundo Espiritual.

—  
João Marchezi

Desencarnou na cidade de Rio Claro, onde residia, no dia 27 de Fevereiro,

as 21 horas, o snr. João Marchezi, fundador do Centro Espírita Discípulos de Jesus e Asilo, hoje Hospital Espírita Discípulos de Jesus, da cidade de Penápolis; era estimado em toda a região da Noroeste como baluarte espírita da velha guarda. Deixa viuva a snra. D. Carolina, diversos filhos, filhas e netos.

## Euclides Jacinto de Avelar

Em Itaóca, onde residia, deu-se o passamento de Euclides Jacinto de Avelar, fato ocorrido a 20 de fevereiro: Esse nosso estimado confrade foi vítima de uma picada de cascavel, deixando viuva d. Delfina Dias Avelar e dois filhos menores, Marino e Jarde-mira. O passamento foi muito sentido no seu largo círculo de amigos, tendo usado da palavra, à saída do féretro, o confrade Salvador Gonçalves, exaltando os bons sentimentos, do irmão desencarnado.

## Francisco Amadeu

Passou para o plano espiritual, no dia 25 de Março último, o conhecido confrade Francisco Amadeu, que vinha residindo desde 1954, no Hospital Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, de S. José do Rio Preto.

Era o confrade Chico Amadeu, muito relacionado em todo o Estado e em várias outras unidades da Federação, mercê de seu trabalho pela causa do Espiritismo.

Viajou durante quarenta anos, ora representando um jornal, ora uma revista, ora outro jornal, fazendo amizades firmes em tôdas as cidades. Muito humilde, sem preocupação por bens terrenos, moral elevada, percorria o bondoso Chico Amadeu todos os Centros espíritas, onde assistia os seus trabalhos e fazia palestras, dentro de sua larga experiência.

Acometido de grave doença, ficou imobilizado desde 1954, tendo o Hospital Dr. Adolfo Bezerra de Mene-

zes tido a oportunidade de recolhê-lo como um ente querido e que merecia justo repouso.

O espírito de luta de Chico Amadeu era de tenacidade a toda prova, e, fato interessante, sua pasta contendo talões de recibos de assinaturas de «Mundo Espírita» e alguns jornais, sempre estava ao seu lado, pronto para sair novamente, assim que suas pernas firmassem. Seus objetos de uso diário sempre estiveram na mais absoluta ordem de colocação.

Recebeu a chamada do Pai, com toda a tranquilidade aparente e foi motivo para grande saudade do meio espírita de São José do Rio Preto, que lhe rendeu homenagem póstuma, em ambiente de respeito e oração.

Que os confrades que conheceram o bondoso Francisco Amadeu, volvam seus pensamentos ao Alto e orem em sinal de gratidão, pelo bellissimo exemplo de tenacidade e desprendimento que êle possuía.

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Notícias de S. Paulo

O «Diário de S. Paulo», publicou, em começos de abril, as seguintes notícias:

*Semana do Livro Espírita*  
— Em comemoração a mais um aniversário da publicação do «Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, várias instituições doutrinárias promoverão, nesta capital e no interior, a habitual *Semana do Livro Espírita*, com palestras dou-

trinárias e venda de livros a baixo preço. Nesta capital, o Club dos Jornalistas programou solenidades que irão de amanhã até sábado próximo, durante a qual falarão os seguintes oradores: Carlos Imbassahy, de Niteroi; Pereira Guedes, do Rio; Campos Vergal, Manso Vieira e Herculanino Pires. De segunda a sexta-feira, as conferências serão realizadas na sede do Club, à rua São Bento, 21, sobreloja, e a de sábado,

na Federação Espírita do Estado, rua Maria Paula, 158. Durante o mesmo período, a União da Mocidade Espírita da LAPA realizará um programa de comemorações na sua sede, à rua 12 de Outubro, no bairro da Lapa.

*Inauguração em Ourinhos*  
— Realizou-se em Ourinhos sábado da semana passada, a inauguração do salão de conferências da Sociedade Espírita «Fraterni-

dade», tendo o cronista Irmão Saulo pronunciado uma palestra sobre o sentido cristão do Espiritismo. A reunião foi presidida pelo sr. Teodomiro Rossi, estando presentes autoridades, jornalistas e pessoas gradadas da sociedade ourinhense. O orador foi apresentado pelo sr. Zilah Cardoso. Dentro em breve, a Sociedade Espírita «Fraternidade» inaugurará, no mesmo edifício, o primeiro albergue noturno de Ourinhos, instituição de grande necessidade na progressiva cidade da Sorocabana, e cuja conclusão é ansiosamente esperada pela população.

## KARDEQUINHO

*Publicação espírita Infanto-Juvenil*

As crianças, de hoje, poderão transformar o Brasil de amanhã! Vamos, então, trabalhar pelas crianças

tornando-as «Espíritas-Mirins»? Colaborem com a campanha do «Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo», dando aos seus filhos...

### KARDEQUINHO

poderoso auxiliar na educação moderna da criança espírita! Em forma de tabloide, com 12 páginas ilustradas e coloridas, cheio de atrações, «KARDEQUINHO» ensina, divertindo, tôdas as maravilhas da Doutrina Espírita! cada exemplar contém: Contos! Novela interplanetária em capítulos! Palavras Cruzadas Espíritas! Poesias! Biografias de Homens Célebres Espíritas, tais como Rui Barbosa, Vitor Hugo, Monteiro Lobato, etc.! Concursos! Prêmios em Livros! Curiosidades! «KARDEQUINHO», é pois, uma necessidade espiritual para o seu filho! E é uma criação do «Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo».

### ASSINATURAS:

12 números (um por mês)  
— Cr.\$100,00 (apenas cem cruzeiros por ano).

6 números — Cr\$50,00

—x—

Tornando-se assinante, mande a importância sem esquecer o seu nome, rua em que móra, Cidade e Estado para o seguinte endereço:

Rua Baronesa Pôrto Carrero, 235 — São Paulo e aguarde em sua casa o «KARDEQUINHO».

## Em Planura - Minas

Foi fundado, a 7 de Abril, em Planura, no Estado de Minas, o Centro Espírita «Emanuel», cuja primeira Diretoria ficou assim constituída: Pres., Dirço Ladico; Vice, Tomázia Maria de Jesus; Secr., Margarida Maria Ladico; Tes., Maria Flaviana Silveira; Proc., Francisco Pereira Rocha.

## Conselho Federativo Nacional

*Órgão da Federação Espírita Brasileira*

Súmula da Ata da reunião mensal ordinária realizada em 7 de Março de 1959

À hora regimental profere o Presidente a prece inicial e declara aberta a reunião. Lida a Ata da sessão anterior, é aprovada.

O expediente constou da comunicação de eleição da Diretoria e do Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira, em 17 de Janeiro último.

*Santa Catarina* — Lê o Conselheiro Manoel Bernardino carta da Federação Espírita Catarinense, com aplausos ao Conselho pelo seu trabalho de aceleração da Unificação, e informando que, naquele Estado, visitas constantes têm sido feitas às sociedades filiadas ou não, de forma a promover a maior aproximação entre os confrades, com o que

tem contado a Federação Catarinense com o auxílio de todos os seus departamentos, inclusive com o Departamento Jurídico ultimamente criado.

*São Paulo* — O Conselheiro Carlos Jordão da Silva, após apresentar notícias sobre o movimento espírico de todo o Estado, transmite ao Presidente e aos membros do Conselho um convite, em nome da USE, a fim de que compareçam à reunião daquela Entidade, a realizar-se na Capital do Estado, em 15 do mês corrente.

*Bahia* — O Conselheiro Major Rui Vidal de Araújo, dá notícias referentes à realização de três confraternizações estaduais realizadas pela Mocidade Espírita Bahiana.

Antes de encerrar a reunião, fala o Presidente sobre inúmeros problemas que vêm preocupando os nossos meios, sobre acontecimentos verificados em outros países e sobre medidas que pedem sejam examinadas pelos Srs. Conselheiros.

ros e postas em prática com as modificações que forem necessárias em cada Estado.

Após falarem vários dos Srs. Conselheiros, pronuncia a prece final o Representante do Estado do Amazonas e é encerrada a reunião às quinze horas e cinquenta minutos.

Súmula da Ata da reunião realizada em 4 de Abril de 1959

Às catorze horas, após proferir a prece inicial, o Presidente declara abertos os trabalhos e manda ler a Ata da reunião anterior, que é aprovada. Não havendo matéria para expediente, por proposta do representante do Amazonas, o Conselho resolve lembrar a tôdas as Instituições espiritistas, principalmente às grandes sociedades e às de assistência social, como medida garantidora da estabilidade espiritual de suas organizações, a necessidades de elas, ao reformarem os seus estatutos, não se esquecerem do assunto ligado aos artigos 8, 18, 21 e 128 dos atuais estatutos da Federação Espírita Brasileira, aprovada em 1954.

**Sergipe** — O Conselheiro Atlas de Castro comunica a eleição, pela Federação Sergipana, de sua nova diretoria.

**Paraíba** — O Conselheiro Indalício Mendes faz idêntica comunicação, sobre a nova diretoria da Federação Paraibana.

**Ceará** — O representante anuncia a criação de mais quatro Mocidades Espíritas em Fortaleza, com perfeita organização.

O Presidente relata, em seguida, a fraterna e calorosa recepção feita pela USE, em São Paulo, à delegação da FEB e aos membros do CFN, enaltecendo o progresso do Espiritismo naquele Estado.

Às dezesseis horas, feita pelo representante do Piauí a prece final, encerra o Presidente a reunião.

*Assim como a Ciência, propriamente dita, tem por objeto o estudo das leis que regulam a vida da matéria, o Espiritismo tem por fim o estudo das leis que regulam a vida espiritual.*

KARDEC

## Chico Xavier muda-se e Pedro Leopoldo vira cidade morta

Já caiu de trinta por cento o movimento local — Está cansado o famoso médium

Com êste título e sub título dá nos o «Correio da Manhã» de 24 de janeiro último, o seguinte telegrama de Belo Horizonte :

«BELO HORIZONTE, 20 (Da Sucursal) — Pedro Leopoldo, pequena cidade próxima a esta Capital, tornou-se famosa no país e no mundo por causa de um homem simples, funcionário federal de humilde categoria (escrevente datilógrafo do Ministério da Agricultura com menos de 6.000 cruzeiros). Mas êsse homem é o famoso «médium», responsável por vários livros psicografados, os quais têm despertado atenção em todos os círculos espíritas e literários, levando seu nome a ser discutido em todo o mundo.

### O «MÉDIUM» E A CIDADE

Chico Xavier vinha atendendo a cerca de 70 pessoas por dia, além de receber de 250 a 300 cartas diárias, de pessoas que lhe pediam conselhos.

Pedro Leopoldo foi sempre um lugar de verdadeira romaria. Ali aportava e continua aportando gente de todos os pontos do país. Os hotéis sempre cheios e sempre intenso o movimento do comércio.

Todo êsse movimento já decresceu em cerca de trinta por cento só com a notícia de que Chico Xavier vai mudar-se. Aliás, há um mês está em Uberaba, para onde pediu agora sua transferência. Chico vai ser barnabé do Triângulo Mineiro.

### ESTÁ CANSADO

Segundo informa um amigo de Chico Xavier, o «médium» está praticamente cego de uma vista e com a outra prejudicada. Além disso, mostra-se cansado com a intensa atividade que vem desenvolvendo há longos anos.

O informante acredita, no entanto, que Chico não conseguirá descansar. Uberaba é uma cidade de muitos espíritas, e além do mais, quando souberem que êle lá está, todos os necessitados do seu auxílio irão procurá-lo.»

De o «Mundo Espírita», de Curitiba, de 31-3-59.

## **LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL**

**Livros e Jornais Espíritas**

*Livraria Especializada — Obras raras nacionais e estrangeiras*

*Livros espíritas das principais editoras do país*

Direção de

**Vicente S. Neto**

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º and. — Sala 2  
Tel. 36-3146 — Caixa Postal 4921 — S. PAULO

Os assinantes de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», e demais interessados poderão procurar, no endereço acima, o sr. Vicente S. Neto, nosso representante, para tratar de qualquer assunto referente às nossas publicações.

# O DIABO E A IGREJA

## Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

É um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.\$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

# OBRAS RECOMENDÁVEIS

## Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos  
O Espírito do Cristianismo  
Cristianismo e Espiritismo  
Na seára do Mestre  
Em torno do Mestre  
Na Escola do Mestre  
O Espiritismo à Luz do Evangelho

## Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo  
Livro dos Espíritos  
Livro dos Médiuns  
O Céu e o Inferno  
Obras Póstumas  
A Genese  
Instrução Prática sôbre as Mani-  
festações Espíritas  
Doutrina Espírita  
O que é o Espiritismo  
Principiante Espírita

## Vários assuntos:

A Alma é Imortal  
Animismo ou Espiritismo?  
A Grande Esperança  
Comentários à Historia das Religiões  
Um caso de Desmaterialização  
Animismo e Espiritismo  
Ciência Metapsíquica  
Evolução  
O Esp. e os Problemas Humanos  
A Loucura sob um novo prisma  
A crise da Morte  
Fenômenos de «Transporte»  
A Psiquiatria em face da reencar-  
nação  
O Espiritismo à luz da crítica  
Cientismo e Espiritismo  
O Espiritismo perante a ciência  
Depois da morte  
O Espiritismo à Luz dos Fatos  
A Reencarnação  
Como os Teólogos refutam

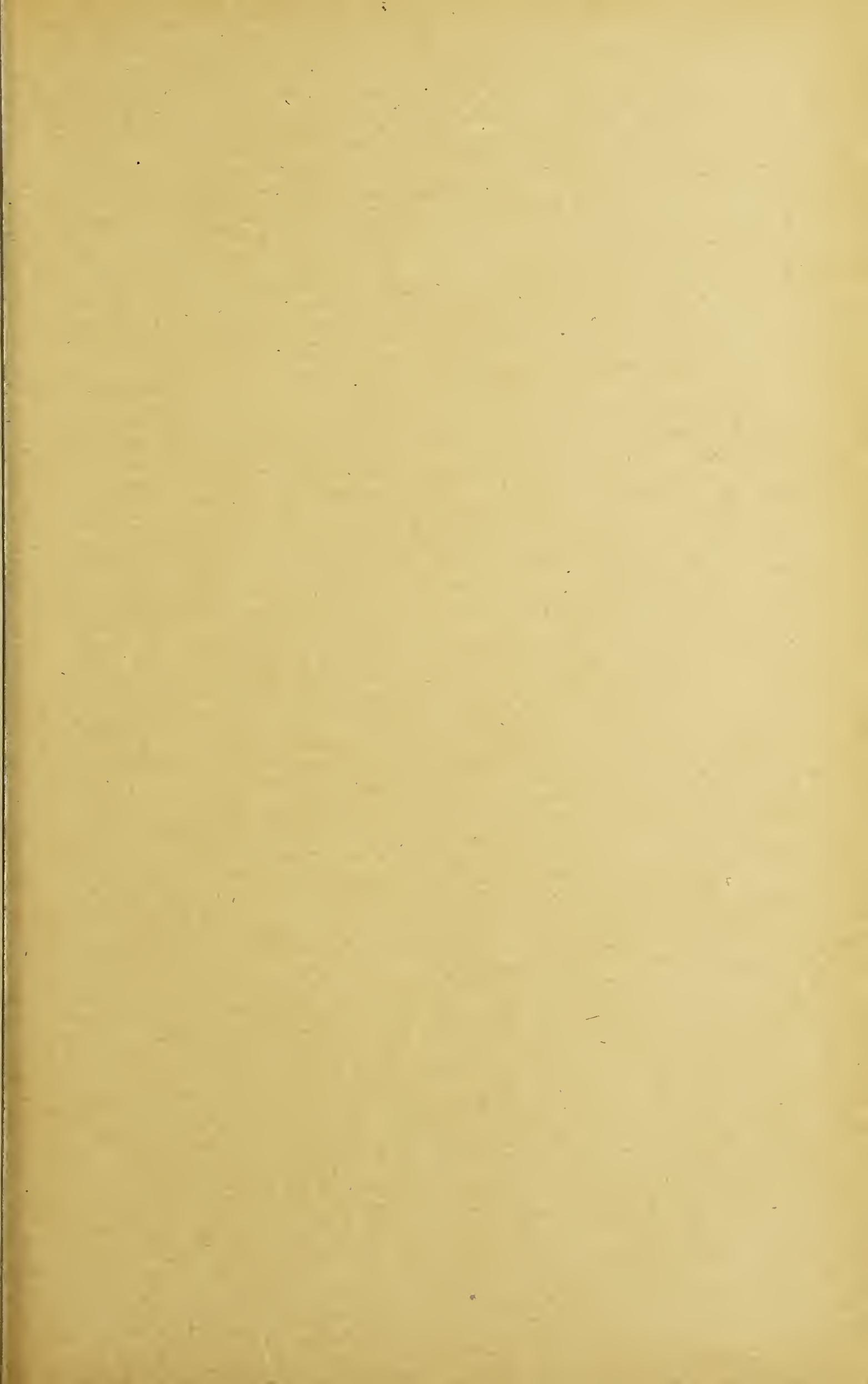
## Romances:

Ave Cristo  
Amor e Odio  
Nas telas do Infinito  
Estela  
O Sinal da Vitória  
Almas Crucificadas  
Casa Assombrada (A)  
Memorias do Padre Germano  
Do Calvário ao Infinito  
Marieta  
Marta  
A Barqueira do Júcar  
O Espírito das trevas  
Vítimas do Preconceito  
Eleonora  
Alguem chorou por mim  
Mireta  
Almas que Voltam  
Redenção  
Lidia  
A Sonâmbula  
O Chanceler de Ferro  
Memórias de uma alma  
A vingança do Judeu  
Reis, Príncipes e Imperadores  
Cruzada Redentora — 3 vols.

## Infantis:

Conselhos ao meu filho (contos)  
A Historia de Paulinho  
Meu livrinho de Orações  
Historietas do Irmão Monteiro  
João Vermelho no Mundo dos Es-  
píritos  
Os meus deveres  
História de Catarina  
Mensagem do pequeno morto  
História de Maricota  
Jardim da Infância  
O Meu Diário  
O Espiritismo na Infancia  
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.



# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

*Director: A. Watson Campêlo*

*Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração  
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$120,00
Semestre	—	„ „	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	„ „	90,00

**NUMERO AVULSO CR.\$ 12,00**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO



